

ELLORA'S CAVE TWILIGHT

TAMING
THE
Beast

EVANGELINE
ANDERSON



Domando a Besta
Coangeline Anderson



Domando a Besta



Vendida a uma vida de prostituição por seu avaro tio, a inocente Gisella Trelain se encontra presa num detestável calabouço escuro, encadeada à parede onde um homem musculoso, nu, chamado Tristan, conta-lhe que está sob uma maldição. Cada mês está condenado a perder sua humanidade e assumir as características de uma besta voraz, uma besta com necessidades muito selvagens que devem ser satisfeitas por qualquer mulher comum. Com o fim de romper a maldição, Gisella deve submeter-se completamente à besta e oferecer-se livremente a saciar seus ferozes desejos sexuais. Mas há muito em jogo neste conto de fadas que se farão realidade e se Gisella não for capaz de abrir-se por completo aos desejos luxuriosos de Tristán, pode perder sua vida tentando domar à besta.

Domando a Besta

Evangeline Anderson



Revisoras Comentam...

Lu Avanço: Bem meninas como diria a Dyllan ai vem coisa kkkkk Evangeline (a lunática) nos presenteia com uma historia muito hot, de conto de fada. Era uma vez um príncipe que por não casar com a bruxa má foi amaldiçoado, e em uma terra distante a nossa virginal mocinha vai comer o pão que a bruxa amassou, então preparem os ventiladores, um homem para depois da leitura e algumas calcinhas kkkk, uma historia rápida e quente bjs Lu Avanço

Daniella: tio idiota, mocinha inocente mais corajosa e uma besta amorosa... história bobinha mas muito quente...



Prólogo

O Calabouço

O ar no calabouço era úmido e com aroma de pó acobreado, como sangue velho. Gisella estremeceu, encolhida em torno de seus tornozelos nus, procurando uma maneira de cobrir-se com a dividida saia de gaze que levava. A saia chegava até o meio de suas coxas e mostrava apenas um farrapo de seda que, supunha, servia como calcinha. Na realidade, o pedacinho de tecido mal cobria a abertura de sua vagina antes de reduzir-se numa corrente fina que desaparecia entre os lábios de sua boceta recém depilada.

A parte superior de seu traje era um pouco mais decente. Uma blusa da mais fina seda apertava sobre seus seios cheios. Os casulos cor de rosa de seus mamilos convertidos em pequenos pontos duros, pelo temor assim como com o ar do frio calabouço, eram claramente visíveis através do tecido fino.

Qualquer um que a visse teria suposto que estava vestida para seduzir, mas quem ou o que se supunha que tinha que seduzir num calabouço escuro e sinistro? Gisella não estava segura.

Deu outro passo para frente, seus pés com sapatilhas ralaram nas pedras poeirentas, consciente de que a porta atrás dela estava fechada com chave e não havia como sair. A um lado viu uma enorme cama com dossel repleta de ricas mantas e um grosso colchão. O espetáculo a surpreendeu — por que um prisioneiro teria tão ricos apetrechos para dormir? E era aqui onde a sedução ocorreria?

Sem atrever-se a pensar na resposta, Gisella se adentrou mais no profundo labirinto, onde a escuridão estava iluminada somente com pequenas tochas penduradas a intervalos ao longo das paredes. Havia algo mais no canto, uma pilha de algo marfim e branco que brilhava

Domando a Besta

Coangeline Anderson



devidamente com a débil luz e que chamou sua atenção. Dirigiu-se com cautela para frente e se deteve, uma mão voando para sua boca.

Ossos. A pilha de marfim e branco se compunha de ossos bem limpos. Ossos humanos.

O grito que crescia em sua garganta foi cortado por uma profunda voz perto de seu ouvido esquerdo.

"Assim que você é a última vítima. Bem-vinda à guarida da besta, minha senhora."



Capítulo 1

Vinte e quatro Horas Antes

O Prostíbulo

"Bem, bem, irá servir à Deusa." Seu tio Edgar sorriu, um sorriso que sem dúvida o fazia parecer orgulhoso e paternal. Para Gisella Trelain o olhar em seu fino rosto de cavalo, era mais luxurioso que familiar. No entanto iria embora hoje esperando nunca voltar a vê-lo, assim, tratou de reprimir seu desgosto.

"Sim, tio Edgar," murmurou ela com modéstia, olhando para baixo a sua longa túnica azul de viagem. Não era tão formosa como as de pura cor branca que se davam no convento, mas estariam bem por agora.

"É uma lástima, querida. Quando poderia ter feito a um homem muito, muito feliz." Seus olhos deslizando-se sobre seu corpo tão descaradamente que Gisella se surpreendeu que não deixasse um rastro de baba no caminho. "Muito feliz", repetiu, ainda quase a olhando de canto de olho.

"Estou segura de que servirei melhor a meu propósito como sacerdotisa da Luz", respondeu empertigada. Protegendo os olhos com a mão, olhando ao longe para não ver como a despia com o olhar. "O carro que me levará ao porto espacial estará logo aqui?"

"Muito em breve. De fato, já chegou." Pela forma em que estava tocando algo no bolso, provavelmente um chip de chamada, Gisella teve a idéia de que seu tio tinha estado retardando o momento da despedida tanto quanto pudesse. Esteve mais que um pouco aliviada quando o carro prateado estacionou em frente da casa de seus pais, não, a propriedade de seu tio agora, recordou-se, e se deslizou até deter-se frente a eles.

Voltou-se para dar uma última olhada na entrada de grama verde que seguia para a alta casa branca onde tinha crescido. Por vinte e um de seus vinte e dois anos fora muito feliz aqui

Domando a Besta

Coangeline Anderson



com seus pais. Tinham sido muito rígidos, mas justos, comoventemente dedicados um ao outro e com Gisella. Talvez tivessem sido um pouco protetores de mais, por que não sabia quase nada do mundo fora de sua isolada vizinhança, mas os tinha amado com todo seu coração. Depois de sua morte, a casa nunca mais foi a mesma, especialmente quando seu avaro tio tinha chegado para ocupar o lugar como seu tutor legal. Como sentia saudades! Mas sabia que não estava deixando para trás nada mais que lembranças aqui, não ficava nada para ela na alta casa branca, que os ecos do que tinham sido. Ir ao convento e servir como sacerdotisa não era sua primeira opção, mas ao menos a levaria longe dos fantasmas do passado, e de seu lascivo tio.

"Bom" disse, segurando a maçaneta da porta e colocando uma mala com sua bagagem no interior do carro. "Suponho que é hora de dizer adeus, tio Edgar."

"Infelizmente, sim. Vêem aqui minha querida, dê a seu velho tio um abraço." E antes que Gisella pudesse protestar, tinha-a tomado em seus braços. "Está segura de que quer ir?" Respirou umidamente em seu ouvido. "Sempre pode ficar aqui... comigo." Enquanto falava, uma mão se movia da parte baixa de suas costas até a curva de suas nádegas e a puxava com força para ele.

Gisella quase se afogou com a intrusão. "Tio Edgar, por favor!"

Disse bruscamente, lutando em seus braços. Era duro e ossudo em todas as partes à exceção de seu rechonchudo ventre, e a fivela de seu cinturão estava cravando em sua coxa. Mas se isso não era a fivela de seu cinturão? A idéia a fez lutar ainda mais forte, até que finalmente a deixou ir com evidente desinteresse.

"Muito bem então." Seus olhos azuis se voltaram frios ante a negativa tácita a sua oferta carnal. "Não me deixa escolha."

Gisella não estava certa do que estava falando, mas estava mais que agradecida por afastar-se dele. Seu fôlego cheirava a carne podre e estava cansada de se defender de seus não tão sutis avanços.

"Adeus, tio Edgar," disse friamente, subindo ao carro com alívio. "Que a Deusa te cuide."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Fará-o sem dúvida." Estava burlando-se agora, como se tivesse um segredo desagradável que ela não soubesse. "Mas certamente não o fará contigo. Outra pessoa se encarregará disso" E antes que pudesse responder, golpeou a porta para fechá-la e deu o sinal de seguir adiante. Estava a caminho do convento.

* * * * *

Depois da terceira volta que o chofer deu, Gisella se viu obrigada a admitir que não parecia estar sendo levada ao porto espacial. De fato, o bairro onde se encontravam estava tão arruinado e sujo que não podia imaginar nada mais distante dos edifícios branco resplandecente que guardavam os foguetes que levavam os turistas ao espaço. Em todas as partes se via desmoronamento das estruturas cinza que se apoiavam umas contra outras como se pudessem cair se não fosse de outro modo. As passarelas móveis de ambos os lados da estrada estavam quebradas e, em alguns casos, tanto que nem os pedestres poderiam usar.

Passou uma mão nervosamente por seu cabelo loiro mel. Onde estava e por que chofer tinha que levá-la ali? Não podia deixar de notar que à medida que o carro passava lentamente, o distrito se fazia mais feio e mais decadente, as pessoas que ao parecer o habitava se voltavam mais coloridas. Enquanto olhava, uma jovem não muito mais velha que ela passou com um rebolado de quadril que parecia desenhado para atrair atenção. Vestia um short curto de couro negro, tão diminuto que a metade de suas nádegas penduravam completamente para fora, e uma camiseta sem mangas que mostrava não só a parte superior de seus peitos, mas também a maioria dos arcos cor de rosa de suas aureolas. Seus pés tinham sapatos com jóias incrustadas e saltos tão altos que era uma maravilha que pudesse caminhar.

Gisella voltou a cabeça para seguir olhando a mulher enquanto o carro se movia silencioso. Onde poderia ir vestida assim? Gisella sabia que morreria se fosse obrigada a usar tal roupa. Sempre se vestira com largas e modestas túnicas, que a cobriam do pescoço até os tornozelos e sempre usava luvas, para proteger as mãos.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Ela parece com a mulher de um desses vídeos... que encontrei escondidos no apartamento de cobertura. Mas Gisella desprezou o pensamento por ser inapropriado. Agora ia ser sacerdotisa e era hora de purgar sua mente de todo pensamento equivocado e perverso.

Logo todo seu encantador e comprido cabelo dourado seriam cortados como um sacrifício à Deusa da Luz e vestiria o vestido branco virginal para sempre. Tinha ouvido rumores de que as sacerdotisas do convento que ia, eram obrigada a levar inibidores, cinturões de castidade atados à cintura e para conter qualquer sensação luxuriosa que se produzira nas zonas proibidas. Gisella não se alarmou ante a idéia de usar o dispositivo, só desejava que aquele que o tivesse inventado também tivesse inventado algo que trabalhasse no cérebro para manter os pensamentos luxuriosos à margem.

Quando estiver no convento meditando na bondade da deusa e na pureza dos pensamentos de luz, tais pensamentos serão expulsos sem esforço, prometeu-se. E nunca vou pensar nas coisas más e vergonhosas que vi nesses vídeos.

Enquanto isso, o que tinha que pensar era onde o chofer a estava levando e como podia conseguir que desse a volta e se dirigisse ao porto espacial.

Inclinando-se para frente, olhou a variedade confusa de luzes e controles na parte dianteira da cabine vazia. Estas máquinas estavam programadas e Gisella sempre tinha tido alguém por perto para programá-las, portanto não podia fazer nada neste caso. Pensou em tentar pressionar alguns botões ou alavancas, mas tinha medo de piorar as coisas. Entretanto, as coisas já estavam bastante más agora que o carro parecia decidido a levá-la cada vez mais dentro deste bairro decadente. Poderia realmente se machucar para ter uma oportunidade?

Justo quando estava revolvendo-se para frente, para tentar mover alguns dos controles, o carro moveu em silêncio e se deteve diante de um edifício em ruínas com umas particulares palavras, 'A Zona Erógena', piscando em néon. Garotas-garotas-garotas proclamava uma nova rolagem de sinal movendo-se em letras carmesim a um metro de altura do ar, bem em cima da entrada principal do estabelecimento em lamentáveis condições.

A mensagem se alternava com a ainda mais preocupante letras.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Quentes, Nuas e Dispostas, Nossas garotas satisfarão seus desejos mais escuros.

Enquanto lia o anúncio, Gisella teve um repentino brilho de reconhecimento.

Ah, minha Deusa - Sei onde é isto! É o Estrela Vermelha do distrito, por que o chofer pararia aqui? Gisella nunca estivera num lugar assim em sua vida, mas tinha ouvido falar deles nas conversas sussurradas de seus amigos na escola. Era um tema proibido de conversar, o que fazia mais suculenta a intriga.

Gisella debateu consigo mesma por um longo momento, mas não podia ficar aqui todo o dia. Devido a que o carro era automatizado e programado, não havia nada que pudesse fazer, a não ser sair e procurar alguém que a ajudasse a restabelecer o protocolo do mapa. Levando coragem em ambas as mãos, abriu a porta e saiu. Mas no momento que seus pés calçados com sapatilhas tocaram o chão lamacento fora do carro este se afastou sem fazer ruído, deixando-a terrivelmente assustada e sozinha.

"Espera, volta!" Gisella chamou inutilmente ao carro em retirada. Seu primeiro pensamento foi chamar seu tio, mas todos seus pertences, incluindo seu telefone e a pouca roupa modesta que havia trazido com ela durante sua viagem ao convento estavam trancadas na parte de trás do transporte. Provavelmente não estará disposto a me ajudar de todos os modos, admitiu para si mesma. Não depois da forma em que nos separamos. E certamente não quero passar outra noite sob o mesmo teto que ele. Inclusive ir a um convento onde estaria condenada a uma vida de celibato era melhor que agüentar suas lascivas piscadas e tapinhas e no traseiro. Assim estava por sua conta.

A primeira coisa que ia fazer era sair dessa zona, disse-se Gisella. E então talvez pudesse encontrar uma pessoa boa e decente que a ajudasse. Tudo o que tinha que fazer era realizar uma chamada interplanetária ao convento e avisar o que tinha acontecido e estava segura que a sacerdotisa chefe enviaria alguém para procurá-la. Esperavam-na amanhã, depois de tudo.

Será melhor eu começar. Não quero ficar presa aqui quando escurecer. Só a idéia dava calafrios. Deu a volta e estava a ponto de começar a caminhar pelo derrubado e lamacento pavimento quando alguém a agarrou pelo braço e a fez girar.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Aí está garota. Perguntava-me quando iria chegar." Um homem com colete de seda tingido de vermelho estava resplandecente ante ela. Era monstruosamente gordo e não muito limpo, com um fedor parecido a licor barato e a perfume ainda mais barato, como se tivesse estado a pouco com uma mulher de má reputação. Não é que Gisella soubesse nada disso. Tinha vivido uma vida muito protegida no rico distrito Knob Hill de Beta Seis quase a maior parte de seus vinte e dois anos. Talvez muito protegida, pensou com cautela. Se apenas sua educação tivesse incluído algumas aulas de defesa pessoal! Mas não o tinha, se uma senhora ficava onde pertencia não teria necessidade de defender-se. Mas e se um fugitivo carro a levasse aonde não pertencia? O que se supunha que devia fazer nesse caso? Perguntou-se Gisella.

"Bem, agora, vêm comigo", disse o gordo, rompendo seus pensamentos. Tinha uma voz aguda, gritã e limpava a calva cabeça com um lenço sujo enquanto falava.

"Sinto muito, senhor, Conheço-o?" Gisella o olhou desconfiada, e logo olhou, deliberadamente, para a mão gordurenta sustentando seu braço.

"Ainda não, garota. Mas não se preocupe, fará-o. Gordo Sam é meu nome. Vêm para dentro para que possamos conversar."

"Mas... mas tenho que ir embora. Tenho que chegar ao porto espacial", protestou Gisella.

"Não se preocupe por tudo isso. Gordo Sam te tem em suas mãos agora", disse. E ignorou seus protestos, arrastou-a para dentro do lugar de má aparência, A Zona Erógena, por um comprido corredor com o tapete feito farrapos e entraram num pequeno escritório privado e sujo.

"Agora então", disse quando chegou a acomodar-se numa cadeira giratória de madeira que rangia em protesto quando baixou a maior parte de seu corpo nela. "Pertence-me e pode começar a trabalhar imediatamente."

"Perdão?" Gisella lhe olhou sem compreender. "Acredito que deve ter me confundido com outra pessoa", disse enquanto falava tão amavelmente como podia. "E parece um homem muito agradável, estou a caminho do Templo da Luz, assim não tenho atualmente a

Domando a Besta

Coangeline Anderson



necessidade de um trabalho." Olhou a seu redor, tremendo ante a idéia de ter que esperar neste sujo estabelecimento. Não podia imaginar que outro trabalho este homem pudesse lhe oferecer.

Gordo Sam tinha o cenho franzido. "Não sou um homem agradável e não houve nenhum engano, garota", disse, com a comissura dos lábios gordinhos movidos para baixo numa careta de raiva. "Seu tio se chama Edgar Trelain, verdade?"

"Bem, sim," disse Gisella dubitativamente. "Você o conhece?"

"Se eu o conheço?" A risada do Gordo Sam foi com escárnio. "O que se o conheço? O filho da puta me deve seiscentos créditos. E vendo a forma como ele não tem nada me enviou você como forma de pagamento."

"Você não pode estar falando sério, deve estar brincando!" Gisella ficou sem fôlego, não podendo assimilar a enormidade da situação.

"Não é brincadeira, garota. Seu tio me deve muito. Ele não é bom para nada, o filho de uma puta que é não me pagou por vários meses. Dizendo-me sobre sua sobrinha, entretanto, disse-me que seria digna de pagar toda a dívida." Gordo Sam a olhou de esguelha apreciativo. "Não se pode dizer que estava equivocado, não."

"Mas... mas não importa o muito que lhe deva, eu não tenho culpa", protestou Gisella. "E ele não pode... oferecer-me a você como um carro velho que já não quer para cobrir suas dívidas. Não é meu dono!"

"De fato, pelas leis da Beta Seis sim, garota. É seu tutor legal até que tenha vinte e três e vendo que acaba de fazer vinte e dois não faz muito tempo, significa que passará uns bons dez meses na Terra. O qual deveria ser tempo suficiente para que possa me pagar os 600 créditos que me deve." ele riu, um senso, ambicioso que se arrastou na pele da Gisella.

"Um montão de tempo. Só se olhe, tetas firmes, traseiro firme, o cabelo comprido, loiro e os olhos grandes e marrons. Além disso, eu estou apostando que você estava indo para um convento, a sua boceta deve ser tão apertada como um avaro segurando a bolsa, não levam nada mais que a virgens nesses lugares, pelo que me disseram. OH sim, os clientes vão amar te comer, garota. Te comer e te rogar por cada segundo."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Os clientes? Que clientes? Do que está falando?" Gisella olhou a seu redor freneticamente, ansiosa, homens famintos já estavam fazendo fila detrás dela. Tragando saliva, pensou na pior das possibilidades que pôde imaginar.

"Você é... este é um desses lugares onde as garotas dançam sem... sem roupa?" Não via como podiam subir num cenário e tirar a roupa diante de um montão de homens, mas que outra coisa poderia querer este sorridente gordo pestilento, que dizia que lhe pertencia?

"OH, não, garota, esse não é o tipo de negócio que tenho aqui." Gordo Sam sacudiu a cabeça, o queixo sujo de seu pescoço ricocheteava.

"OH, bom". Gisella sentiu um impulso imediato de alívio, mas durou pouco.

"Não, A Zona Erógena não é de strippers, é um bordel. Um verdadeiro, de classe alta também, devo acrescentar. Não como os que estão no caminho, o Palácio da boceta e O pênis Hábil". Limpou as unhas enegrecidas no colete manchado de vermelho, parecendo satisfeito de si mesmo.

"E agora que está aqui, acredito que subirá ainda mais. Sim, acredito que podemos começar a receber reais cavalheiros como clientes uma vez que a anunciemos e que saibam que sua apertada boceta de convento está à venda."

"OH minha deusa!" Gisella colocou uma mão na boca para cobrir o grito que queria sair. Certamente não estava dizendo o que pensava que estava dizendo. Certamente não a queria para que fosse uma... uma... mas a mente da Gisella nem sequer podia pensar na palavra.

Gordo Sam pareceu irritado. "Não se preocupe, tudo vai funcionar, garota. Não é a primeira que tem que vender um pedaço de traseiro para fazer caminho na galáxia. E te direi algo, se for boa no que faz te deixarei ficar depois dos dez meses que fica e te fazer um pequeno retoque. Pode ter uma vida agradável abrindo suas pernas, e proporcionando o trato adequado aos clientes dando o que querem."

"Mas-mas não posso. Simplesmente não posso", declarou Gisella.

"Por favor, eu... nunca fiz isto antes. Estava a ponto de fazer um voto de celibato e me converter numa sacerdotisa da Deusa da Luz. Não posso ficar aqui neste lugar e fazer... o que me está pedindo que faça."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



A testa do Gordo Sam endureceu como tinha feito durante toda noite.

"Pode e o fará, garota. Não esqueça, agora me pertence. Se te disser que atenda a vinte clientes ao dia, fará-o. Chupará pau, foderá pau e abrirá sua boceta e cú, ambos ao mesmo tempo se eu decidir te alugar para festas. E adorará cada minuto disso ou ao menos aprendera a fingir o contrario".

Gisella retrocedeu ante suas cruas palavras e as feias imagens que se plantaram em sua mente. Deusa, realmente esperava que fizesse isso, realmente esperava que abrisse as pernas a qualquer homem que a quisesse por dinheiro. O que ia fazer? Gisella respirou fundo, tremendo. Para começar, tinha que afastar-se do seu ambicioso olhar, de seus diminutos olhos de porco que se arrastavam sobre seu corpo, sem dúvida pensando na quantidade de venda que ganharia.

"Preciso usar o banheiro, por favor" disse com voz débil.

Gordo Sam franziu o cenho e desviou o volume considerável atrás do barato escritório de madeira. "O banheiro está ali, no canto", disse, balançando a cabeça para uma estreita porta no canto de seu escritório. "E não pense que vai fugir subindo pela janela, não. Tem barras e a única saída é a entrada."

Sem dizer uma palavra, Gisella se levantou da cadeira de plástico duro, onde tinha estado sentada e caminhou com as pernas trementes ao pequeno e estreito banheiro que Gordo Sam lhe tinha indicado. O interior não era maior que um armário e um aroma fétido saía do vaso sanitário.

Gisella pôs a tampa e se derrubou sobre ela, com o rosto entre as mãos.

Tudo é minha culpa. Tudo é minha culpa. É um castigo da deusa e é tudo minha culpa! A idéia se movia através de sua mente e Gisella sabia que tinha razão. A situação em que se encontrava nesse momento era causa de seus maus pensamentos e desejos pecaminosos. Era porque não tinha muita vontade de ir ao templo e converter-se numa sacerdotisa e viver uma vida de humildade, pobreza e celibato. Secretamente tinha pensado que a parte da humildade e a

Domando a Besta

Coangeline Anderson



pobreza não seriam tão más, mas a idéia de não casar, de não ter um homem entre suas pernas, embora somente uma vez em sua vida era terrível.

Gisella sempre tinha sido uma menina curiosa e, em sua adolescência, tinha descoberto um montão de vídeos pornô num canto do apartamento de cobertura aonde ninguém ia. No transcurso dos seguintes anos, tinha visto e voltado a ver cada um deles. No princípio tinha ficado surpreendida e ligeiramente desgostada pelas estranhas ações que via, mas com o tempo ficou intrigada e excitada. Ficava na escuridão de noite e pensava no que tinha visto e sonhava que estava fazendo as coisas que via o homem que ela queria, um homem que despertava seu corpo e a deixava dolorida por seu toque.

Seria alto, moreno e musculoso, igual ao homem de seu vídeo favorito, estaria nu e faria coisas indescritivelmente deliciosas a seu corpo.

Quando seus pensamentos se voltaram insuportáveis, Gisella chegou até sua virilha e tocou na zona mais proibida. Era o lugar que se supunha que devia evitar a não ser que estivesse lavando, sua mãe tinha dado instruções severamente, e até então tinha tido que lavar-se rapidamente e não se atrasar. Mas apesar de que sabia que estava errada, Gisella não podia evitar. Não podia deixar de separar os lábios inchados de sua boceta e acariciar o broto latejante de seu clitóris até ter sensações muito maravilhosas e terríveis de nomear, que se apoderavam dela pondo-a rígida em sua estreita cama, mordendo o lábio inferior para não gemer em voz alta.

E agora isto... este era seu castigo por tais pensamentos e ações, estava segura. A Deusa da Luz via tudo, viu tudo o que tinha feito, apesar de ter feito na escuridão da noite, e agora Gisella teria que pagar. Quantas vezes tinha desejado em segredo um homem entre suas pernas? Um pau grosso que abrisse sua boceta virgem e a enchesse de esperma quente. Quantas vezes tinha imaginado o tato, aroma, sabor do corpo duro de um homem? Com que frequência se perguntava o que se gozar quando a penetrassem? E agora ia conseguir seu desejo, só que no lugar de um homem seria submetida a centenas de pessoas. Melhor seria matar-se agora antes de morrer de humilhação e dor.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Enquanto Gisella procurava no estreito e sujo banheiro algum instrumento de auto-destruição, ouviu uma voz que vinha do outro lado da fina parede. A princípio pensou que era Gordo Sam, pedindo que saísse para que servisse a seu primeiro cliente, ou talvez seus primeiros vinte, mas para seu alívio logo se deu conta que a voz era mais leve e mais culta que a do dono do sujo bordel.

"Por favor, meu senhor está numa desesperada necessidade. O tempo de sua mudança aproxima-se e uma mulher tem que aplacar sua luxúria."

"Não, não vou enviar mais a minhas garotas." A voz do Gordo Sam era truculenta.

"Já enviei três e não vi nenhuma de volta, e é o mesmo em todo o distrito. Sei muito bem que Sal do Palácio da boceta não vai lhe vender mais e estou bastante seguro de que nenhuma das outras casas, tampouco, estão interessadas. Não vale a pena o preço, inclusive se sua oferta é de trezentos créditos."

"Então vou duplicar o preço para seiscentos créditos por uma de suas garotas" a voz forte e culta suplicava.

Os ouvidos de Gisella prestaram atenção. Seiscentos créditos – era a soma exata que o Gordo Sam tinha mencionado que seu tio lhe devia, A mesma soma pela que tinha sido vendida! Com cuidado de não fazer ruído, abriu um pouco a porta estreita e espiou com cautela.

O homem que usava um uniforme azul escuro adornado com vermelho passeava pelo tapete sujo diante do escritório desordenado do Gordo Sam.

Parecia algum tipo de funcionário de grande categoria e quando se voltou para ela, Gisella conseguiu ver uma insígnia de cor vermelha e negra no peito de seu casaco. Era um brasão de algum tipo, estava certa, embora como nenhum que tivesse visto em Beta Seis.

"Por que a garota que você quer tem que ser daqui, de todos os modos?" Gordo Sam grunhiu, obviamente, preparado para que seu visitante fosse embora.

"Há um montão de prostíbulos ao redor da galáxia diabos, um montão em Rigel Nove de onde você vem. Não tem que vir a Beta Seis ou ao bairro Estrela Vermelha para conseguir uma garota para satisfazer seu amo, quem quer que ele seja."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Mas devo!" O homem fez um gesto com agitação. "É parte da profecia. Só uma garota proveniente de duas estrelas vermelhas alinhadas no sexto planeta do Sol Beta pode ajudar a meu amo."

Duas estrelas vermelhas alinhadas? Gisella mordeu o lábio, pensando muito. O Sol Beta sim era uma estrela gigante vermelha e sim estava no distrito da Estrela Vermelha, supunha que tinha sentido. Mas por que o homem de uniforme azul estava tão desesperado por levar uma garota a seu amo que inclusive estava implorando ao Gordo Sam por uma de suas prostitutas?

"Não sei do que está falando e tampouco quero sabê-lo", grunhiu o dono do bordel. "A única coisa que sei é que não tenho nada para ti."

"OH, Sim tem sim!" Sem saber o que estava fazendo, Gisella se encontrou saindo do pequeno banheiro e caminhando até o criado de uniforme azul. Sua mente tinha estado trabalhando com rapidez enquanto escutava a conversa e, embora matemática nunca tivesse sido seu tema favorito na escola, a aritmética era evidente. Se estava condenada a uma vida de submissão forçada, pelo menos até que completasse vinte e três anos, ao serviço de um homem, não importava quem fosse ele, era imensamente preferível que servir a centenas.

"Ah, que garota bonita!" O servo sorriu com gosto para ela e se dirigiu ao Gordo Sam. "Quem é esta encantadora criatura? Esta está realmente muito acima do seu pessoal."

A cara do Gordo Sam empalideceu fazendo um petulante cenho franzido. "É minha última aquisição, amigo, e não está à venda. Vou fazer um montão de créditos com ela nos próximos dez meses, assim não a enviarei com gente como você."

"Mas seiscentos créditos, era o preço que meu tio lhe devia", declarou Gisella. "E você disse que não lhe tinha pago em meses pelo que era uma dívida pendente. Não seria melhor ter todo esse dinheiro em suas mãos agora, ao invés de esperar a que eu de novo faça... para ganhá-lo?" Ela mal podia forçar as palavras, mas sabia que esta era sua única oportunidade para escapar. Tinha que tomar.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Gordo Sam franziu o cenho. "Meu objetivo é fazer muito mais que seiscentos créditos vendendo essa boceta virgem, garota," grunhiu. "Assim não trate de falar docemente para sair do trato. Pertence-me e vou fazer que meu dinheiro valha."

"Mil e duzentos créditos." A voz do criado foi baixa e séria. "Certamente não pode deixar passar esta soma, senhor. Trata-se de um insólito preço por uma só noite com uma dama da noite. O que diz?"

Só uma só noite? A mente da Gisella se cambaleou ante a idéia. Assim podia estar livre desta terrível obrigação de serviço por uma noite? É obvio, o convento não a queria depois que sua virgindade se fosse, mas estava segura de que poderia encontrar alguma maneira de fazer-se caminho na galáxia uma vez que fosse livre. Olhou ao servente de uniforme azul com agradecimento e prometeu a si mesmo que não importava o que seu amo parecesse, ia fazer seu melhor esforço para lhe servir. Mas as seguintes palavras de Gordo Sam destroçaram sua felicidade.

"Sim, uma só noite da que nunca voltam," burlou-se ele. "Mas, bom, quer ela? Pode tê-la. Mil e duzentos então e sem devoluções."

"Na realidade não. Acredito que esta donzela é exatamente o que meu senhor requer e o preço é valido." O servo sorriu a ela de novo, mas desta vez Gisella não foi tão rápida para lhe devolver o gesto. De repente se perguntou o que havia acontecido com todas as outras garotas que tinham passado a noite com seu misterioso mestre.

E o que seria dela?

* * * * *

Por fim chegaram à base espacial, muito mais tarde e em circunstâncias muito diferentes das que tinha acreditado, mas, no entanto, Gisella estava agradecida por ver as altas torres brancas que se levantavam sobre sua cabeça.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Por aqui, minha senhora" disse o criado com deferência. Tratava-a muito bem, como se fosse um vaso delicado que pudesse romper, um objeto valioso que tinha que ser protegido. Gisella gostava disso, era como estava acostumada a ser tratada. Sem dúvida, depois de ter visto os vídeos, tinha sonhado freqüentemente com o tratamento rude de um homem que a tomaria apesar do que dissesse ou fizesse. Mas tinha acabado de escapar das garras do Gordo Sam e não estava disposta a ser ingrata com as boas maneiras do servente.

"Obrigada," disse, seguindo-o na escada rolante. "Quero que saiba que estou mais que ansiosa por estar a serviço de seu amo. Espero que me encontre aceitável para cumprir com suas... suas necessidades."

O criado, que tinha feições suaves e escuros olhos marrons, sorriu-lhe um pouco triste, Gisella pensou. "Espero que assim seja minha senhora. É meu maior desejo", disse.

"Ah, mas aqui estamos."

O foguete que ele a levou tinha as mesmas cores que seu uniforme, azul escuro com toques vermelhos. O sofá era felpudo e confortável e Gisella se afundou com gratidão no que indicou.

"Permita-me informar ao piloto e estaremos á caminho." o servo tocou a boina e assentiu.

"Não posso esperar." Gisella tentou não bocejar, mas os acontecimentos do dia até o momento tinham sido exaustivos. Agora que se encontrava num lugar quente e seguro, sem o gordo malvado que lhe exigia servir a seus clientes sexualmente, só queria descansar. É obvio, quem sabia o que lhe esperava em Rigel Nove? Mas estava decidida a não pensar nisso.

"Você estará no hiper-sono antes que saiba minha senhora", disse o servente, corretamente interpretando seu reprimido bocejo. "O melhor é estar fresca e pronta para seu encontro com meu senhor."

"De fato." murmurou Gisella enquanto outro bocejo lhe escapava. Ouviu que o servo se ia, seguido pelo murmúrio de vozes masculinas enquanto falava com o piloto e o pensamento de que devia tentar manter-se acordada durante a decolagem. Mas apesar de suas boas

Domando a Besta

Coangeline Anderson



intenções, suas pálpebras caíam de esgotamento e inclusive antes que a órbita do foguete aparecesse a sua esquerda, já estava num profundo sono.

Sonhava com o homem de cabelo escuro que tinha visto nos vídeos. O homem que era quase, mas não de todo o homem de seus sonhos. Nos vídeos, o homem, que era alto e musculoso, tomava a uma garota com o cabelo da cor do de Gisella e a atava à cama. Mas enquanto sonhava era Gisella, ela mesma quem estava atada...

"Por favor" murmurou ela enquanto o homem se inclinava para apertar as cordas em seus pulsos. "Por favor, não posso... Nunca fiz isto antes."

"Nunca fez o que?" Sorriu a ela, seus dentes brancos e brilhantes em seu rosto moreno "Alguma vez estive atada ou alguma vez foi fodida, minha senhora?"

"Nunca", exclamou Gisella. Olhando para baixo. Deu-se conta que estava completamente nua, seus mamilos cor de rosa rígidos, e os lábios carnudos de sua boceta expostos. Para sua surpresa viu que o montão de suaves cachos loiros que tinham decorado sua boceta desde a puberdade tinham sido raspados.

"Assim é virgem?" Sussurrou-lhe a pergunta em seu ouvido enquanto tomava seus seios com as mãos, como se os pesasse, e manuseava seus mamilos brandamente.

"Sou", confessou Gisella, retorcendo-se para tentar se afastar das sensações intensamente prazerosas que as mãos estavam causando em seu corpo.

"Mas não quer sê-lo mais, verdade? Sonhou com um homem te tocando... tomando."

Olhou-a como se a conhecesse, beliscando seus casulos cor de rosa apertado até que gemeu pelas agudas sensações de prazer que enviavam a seu escorregadio sexo.

"SSim", sussurrou, sentindo que era inútil mentir. Ele sabia seus segredos de algum jeito.

Sabia o que realmente desejava.

"Mas seus desejos não são os de uma jovem tímida, insegura por sua virgindade. Você quer fazer tudo", acusou-a o homem. "Quer sentir uma língua dentro de sua boceta, assim como um pau." Sentou-se de novo por um momento e acariciou seu próprio eixo duro de que caíam gotas de líquido pré-seminal, como pérolas diminutas. "E quer fazer uma mamada também.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Quer ser tomada com as mãos e joelhos, forçadas em submissão, incapaz de correr ou se esconder quando chegar a você, incapaz de fechar as pernas para seu assalto. Incapaz de fazer nada mais que abrir suas pernas e te submeter ao pau dentro de sua boceta, para se entregar, rendida a ele por completo enquanto a fode."

Suas palavras enviaram um profundo calafrio de necessidade através de todo o nu corpo de Gisella. "Sim." Sentiu vergonha ao admiti-lo, mas não pôde evitar, tudo o que disse dela era certo.

"Uma virgem com a alma de uma puta." O homem assentiu como se confirmasse algo que tinha suspeitado por muito tempo.

"N-não sei o que quer dizer" protestou ela com uma voz que tremia de desejo.

"Saberá. E não se preocupe." Passou suas grandes mãos, quentes por seu nu e tremente corpo lentamente, com uma luz brilhando em seus escuros olhos. "Não vai ser virgem por muito tempo. Não aonde vai."

"É..." Gisella o olhou com temor. "Vai me tomar? Me foder?", Perguntou obrigando-se a dizer as palavras.

"Não." Negou-o enquanto cavava sua boceta nua, acariciando suas inchadas dobras escorregadias com um dedo brandamente. "Só estou aqui como um mensageiro, minha senhora. Para lhe dizer o que pode esperar." De repente colocou dois dedos em sua boceta e Gisela se arqueou na cama, gemendo de dor e de prazer ante a sensação de ter finalmente a um homem tocando-a da forma em que tinha desejado durante tanto tempo...



Capítulo 2

A Prisioneira

"Apresse-se minha senhora. O mestre a espera e não há muito tempo para sua preparação."

Gisella despertou para ver o servo que a tinha comprado do Gordo Sam a olhando ansiosamente. Parecia estar descansando em algo suave e confortável, mas quando olhou a seu redor, deu-se conta de que não era o sofá em que adormeceu.

"Onde estou?", Perguntou se sentado devagar e colocando uma mão na cabeça. Sentia-se um pouco tonta e seu novo ambiente dançava a seu redor num círculo vertiginoso. Quando as coisas por fim se focaram, viu que estava em um dormitório num suave e espesso colchão. No alto do dossel verde escuro que foi trabalhado com fios de ouro que coincidia com a colcha em que estava sentada. Tapetes de vivas cores estavam pulverizadas pelo chão de mármore que iam para uma pequena porta de ouro a sua direita, viu uma nuvem de vapor que se elevava de uma banheira de ouro.

"Está no palácio real de Rigel Nove", disse-lhe o servo. "Quando a nave aterrisou ainda estava tão profundamente adormecida que foi impossível despertá-la. Assim com cuidado a transportamos para cá a fim de não perturbar seu sono. Mas agora é tempo de que desperte e se prepare para conhecer meu senhor."

"OH, sim, seu senhor. Recordo-o," Murmurou. Vagamente recordou um sonho inquietante, algo a respeito de ser atada nua a uma cama. Mas o sonho se desvaneceu quando o servente a ajudou a levantar-se e a levou com outro servente, esta era uma mulher, que lhe tinha prometido que cuidaria dela.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Um banho quente é justo o que necessita", disse a serva que maternalmente cuidava dela. "Não temos muito tempo, mas devemos fazê-la linda para o mestre." Levou Gisella ao banho e a ajudou a despir-se e entrar na banheira fumegante de ouro.

Gisella estava relutante em tirar a roupa diante de outra pessoa, inclusive uma mulher, mas a criada que cuidava dela estava tão desconectada a respeito de todo o assunto que sentia que não tinha outra opção. Uma vez na água quente com aroma de flores, todas suas reticências desapareceram enquanto o calor suave empapava seus cansados ossos. Não tinha se sentido relaxada durante mais de cinco minutos antes que a voz da serva interrompesse sua solidão.

"E agora é o momento de depilá-la."

"Depilar-me?" Gisella se sentou na banheira, e a mulher lhe deu um olhar apreensivo. "O que quer dizer?"

"Em suas partes íntimas, minha querida. Deve estar assim para ver o mestre."

Gisella olhou aos suaves cachos loiros em seu montículo, que formavam redemoinhos brandamente na água morna. "Seu mestre exige que eu seja raspada antes que ele sequer me veja?"

"Trata-se de sua preferência, sim." A mulher sustentava uma navalha pequena na mão. "Quer fazê-lo ou o faço eu?"

Gisella não tinha nem sequer que pensar. "Eu o farei." voltou-se de costas modestamente, contente de que a navalha fosse do tipo que podia usar sob a água.

"Então seu mestre é tão monstruoso que não vai ver uma mulher a menos de que esteja perfeitamente preparada?"

Esperava uma resposta, mas quando não chegou se voltou para a serva, uma vez mais. Ao seu redor surpreendida, o rosto de matrona estava pálido e lhe tremiam os lábios.

"A senhora está bem?", Perguntou Gisella com preocupação. Talvez a serva estava tendo algum tipo de ataque. Pensou em pedir ajuda e logo estremeceu ante a idéia da sala cheia de estranhos, enquanto estivesse sentada nua no banheiro. Mas se tivesse que...

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Eu... me perdoe, minha senhora", disse a serva, por fim, recuperando-se, o que foi um pequeno alívio para a Gisella. "É só que... meu amo não é um monstro. Não em realidade, sabe. É muito amável e muito generoso e... e não pode evitar esta situação."

Gisella sentiu um calafrio filtrar-se nela. "Qual é essa situação?", Perguntou, mas a mulher negou com a cabeça.

"Estamos tomando muito tempo, minha senhora. Vamos, não há tempo para bate-papos ociosos, deve estar vestida e na câmara de meu senhor em meia hora." Parecia de novo rápida e profissional enquanto ajudava Gisela a sair da banheira e a envolvia numa toalha grossa e suave, mas a dúvida e o medo permaneceram no fundo da mente de Gisella mesmo assim. O que exatamente estava acontecendo aqui no palácio de Rigel Nove?

Não teve tempo para perguntar-lhe muito, pois a serva a levou de novo ao dormitório e lhe entregou umas roupas para vestir.

"Realmente espera que vista isto?" Gisella olhou a fina e transparente roupa na cama com incredulidade.

A serva franziu o cenho. "Deve usar o que lhe indicar para conhecer o amo. Quer que a ajude a vestir?"

Gisella leu o olhar determinado nos olhos da mulher e soube que significava que poria o traje à força se fosse necessário. "Não, não," disse a toda pressa. "Vou usar o que for necessário. Mas..." Vacilou com delicadeza.

"Poderia ter um pouco de privacidade?"

A serva deixou escapar um Mmmm, mas se voltou e saiu do quarto. "Não tem mais que dez minutos," disse enquanto fechava a porta de madeira ricamente esculpida atrás dela. "O mestre a espera antes que saiam as luas gêmeas."

Gisella não via o que o sair das luas tinha a ver com o assunto, mas não havia tempo para perguntar. Jogou a amaciada toalha em que tinha estado enrolada e pôs a parte superior do primeiro conjunto. Era uma fina blusa de seda e o material era de uma vez extremamente apertado e extremamente suave. Através dela se podiam ver claramente seus duros mamilos, endurecidos pelo medo e o desejo. Olhou ao seu redor, mas não havia roupa interior que usar

Domando a Besta

Coangeline Anderson



debaixo dele e ocultar sua exposição. Bom, obviamente assim era como o amo queria que se apresentasse. Gisella pegou a parte inferior do traje.

Para cobrir seu sexo havia um pequeno par do que se supunham devia ser a calcinha. Mas na verdade não cobriam quase nada. Um triângulo de seda pequena se anexava a várias cordas de seda, mas quando vestiu a tanga, Gisella se encontrou com que tinha que escolher entre cobrir o montículo de sua vagina ou os lábios, já que não era suficientemente grande para abranger tanto. Tratou de puxá-lo e cobrir um pouco de cada um e terminou com o triângulo colocado de maneira que só a parte superior de seu monte e a fenda estiveram expostas e a maioria de seus suaves lábios ficaram coberto. Entretanto, a corrente na parte inferior do triângulo escorregava sobre seu sexo e esfregava suas dobras interiores até que pensou que ficaria louca. Usar algo que parecia feito para estimular seus clitóris ia garantir que suas coxas internas estivessem úmidas com mel muito antes que se encontrasse com o misterioso amo cara-a-cara. Perguntava-se se isso era o que ele queria, vê-la excitada, tão quente com tanta necessidade que fosse incapaz de ajudar a si mesma. Bom, supunha que poderia perguntar quando o visse, se atrevia-se.

Refletindo sobre o resto da roupa, Gisella puxou a saia de seda que flutuava ao seu redor como uma nuvem. Sua ranhura alta chegava quase até o fundo de seu umbigo, mostrando em lugar de ocultar a diminuta calcinha que seguia esfregando sua boceta excitada. Um par de sapatilhas completava o resto.

Observou-se no grande espelho que estava pendurado na parede oposta e se ruborizou. Nunca tinha imaginado a si mesma neste tipo de traje. Deveria estar no Templo da Luz neste momento, com o cabelo coberto como sacrifício à deusa e usando uma modesta túnica larga e branca que a cobriria do pescoço aos tornozelos. Em troca, estava vestida como o pior tipo de puta, a ponto de vender sua virgindade a um homem misterioso que nunca tinha conhecido. E, entretanto, uma parte dela, a parte que nunca tinha tido muita vontade de ir ao templo, desde o começo, estava só um pouco excitada.

Qual seria a aparência de seu novo Amo? Iria ser alto, de cabelo escuro e com olhos penetrantes como o homem que tinha visto nos vídeos pornô?

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Ia mandar que se humilhasse e ajoelhasse diante dele para tomar seu pênis em sua boca? E depois, como ia tomá-la? Por trás como um animal? Ou demandaria que o montasse e cavalgasse com seu pau enchendo sua boceta? Só de pensar nessas coisas sentia a boceta quente e torcida com necessidade.

Mas antes que pudesse deixar-se levar, um golpe seco soou na porta lhe fazendo saber que era hora de ir. Era hora de conhecer seu novo amo.

Gisella deixou a segurança de seu dormitório vacilante, insegura de qual servente esperava, levá-la. Entretanto, a mulher a olhou de cima abaixo e assentiu em sinal de óbvia aprovação.

"Muito bem, minha senhora. Já é hora de ir." Levou Gisella pelo impecável palácio que consistia em muitas salas grandes cheias de ricos móveis e formosas obras de arte. Tapeçarias grossas que deviam ter demorado anos para ser tecidas, por muitas mãos, adornavam as paredes e os pisos de mármore.

Pinturas eróticas de homens e mulheres entrelaçados com olhares de êxtase em seus rostos penduravam por toda parte. Era evidente que quem vivia aqui desfrutava das coisas boas da vida e adorava os prazeres da carne.

Prazeres que Gisella nunca tinha experimentado. Mas estou a ponto de fazê-lo, recordou-se, tratando de sossegar seus joelhos que tremiam enquanto caminhava.

Só espero agradar a este amo, quem quer que seja. Por fim, a faxineira abriu uma enorme porta de madeira atada com ferro e indicou um conjunto de degraus de pedra que conduzia à escuridão.

"Tenho que te deixar aqui, minha senhora," disse, assentindo para a Gisella. "Porque não me atrevo a ir mais longe."

"Mas por quê?" Gisella parecia ter medo, sem saber o que devia fazer. "O amo ficaria bravo se você me acompanhasse?" Perguntou-lhe, vacilante dando o primeiro passo e voltando-se para olhar para trás.

"Está proibido", disse a mulher, sem responder sua pergunta. "Tem que ir sozinha. Continue descendo até chegar à parte inferior é ali, no calabouço, que encontrará seu destino."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"O calabouço?" Gisella podia sentir o medo que brotava nela, mas tratou de controlá-lo respirando profundamente.

"Adeus e boa sorte, querida." A mulher lhe deu um olhar que era de uma vez compassivo e severo depois, fechou a porta no rosto da Gisella, deixando-a na penumbra.

Gisella ficou ali por um momento, tentando deter o grito que queria sair de sua garganta. Seu primeiro impulso foi golpear a porta e demandar que a deixassem sair, mas era evidente que não ia ajudar em nada. Não, não havia nada que pudesse fazer a não ser ir pelo comprido lance de escadas e ver o que lhe esperava no fundo.

E assim desceu e se encontrou no calabouço grande, com correntes de ar. Foi só depois que viu a cama imensa e o montão de ossos humanos que uma voz lhe chegou.

Uma voz que dizia: "Assim que você é a vítima mais recente. Bem-vinda à guarida da besta, minha senhora."

Surpreendida, Gisella se voltou rapidamente para ver quem estava falando. Mal tinha tido tempo para explorar a estranha e sinistra masmorra e agora não estava sozinha.

Perdida nas sombras estava a figura escura de um homem. Mas não qualquer homem, era a maior criatura que Gisella tinha visto na vida. Elevando-se sobre ela, vestindo só um par de calças negras andrajosas, era um sólido muro de músculos. Uma de suas coxas era tão grossa como sua magra cintura e seus ombros eram realmente duas vezes mais largos que os seus.

Por certo, Gisella teria tido bastante medo dele se não estivesse encadeado à parede do calabouço.

"Sou Gisella." Deu um pequeno passo para ele, nervosa ao ver as correntes que o atavam ante seus olhos. Eram tão grossas como seu pulso, mas o homem era tão grande que pareciam simples cordas unidas a seus enormes membros. Tinha o cabelo negro e espesso afastado da testa alta e os olhos escuros brilhavam com a luz das tochas. Ao redor, de seus avultados bíceps tinham grossas linhas negras que Gisella num primeiro momento pensou que eram um segundo grupo de algemas. Mas quando chegou mais perto pôde ver que eram as marcas de algum tipo, ao parecer, desenhados em sua pele com tinta permanente. Quando

Domando a Besta

Coangeline Anderson



moveu sua cabeça para olhá-la, viu que tinha o mesmo sinal negro nos lados da cabeça. Curvavam-se para frente como chifres, que terminam em pontas na frente.

"Vejo que está vestida para a ocasião." Sua voz profunda retumbou desde seu enorme peito e Gisella sentiu suas bochechas quentes com rubor. Cruzou os braços sobre seus seios timidamente, esperando que não pudesse vê-la muito perto para que não visse que ia quase nua na penumbra.

A saia dividida e a blusa estavam muito longe de ser o que esperava vestir para aquele momento, a larga e branca túnica do convento que cobria tudo do pescoço aos tornozelos. Mas tendo em conta a atitude inflexível da faxineira que a tinha conduzido até aqui, tinha estado obrigada a ficar ou ir nua ao calabouço, uma idéia impensável sem importar qual fosse seu último propósito.

"Eles... os criados pareciam pensar que era necessário", murmurou. Estava começando a ter uma sensação muito ruim. A sensação de que deveria ter ficado em seu planeta natal Beta Seis. Sem importar quão sombrio fosse seu futuro com Gordo Sam, não estaria numa masmorra com um montão de ossos. Mas estava aqui e não havia como voltar atrás.

Esclarecendo a garganta, deu outro passo para o musculoso homem amarrado e o olhou aos olhos. "Você... você é um prisioneiro? Um prisioneiro da besta da que falam?" Perguntou-lhe, procurando em seus escuros olhos alguma pista sobre sua identidade já que não fazia nenhum esforço para apresentar-se.

"Disseram-me que ia encontrar um homem aqui", continuou em voz alta, sem fôlego. "Um homem ao que tenho... que servir." As palavras entupiam em sua garganta e teve que expulsá-las. Era difícil admitir, inclusive para si mesmo o que tinha que fazer aqui no calabouço, muito menos em voz alta a um estranho.

"É uma boa maneira de dizer." riu, com um profundo rumor tingido de amargura. "Sim, minha senhora, sou um prisioneiro aqui. Um prisioneiro de meus próprios desejos escuros. Um detento de uma maldição posta em mim faz cinco longos anos."

"Desejos?" Gisella sabia que devia perguntar a respeito da maldição, mas que não era a palavra que lhe tinha chamado a atenção.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"De fato". Ele riu novamente e uma corrente que o atava à parede se sacudiu ressonando contra a pedra úmida.

Gisella tinha se acostumado à luz tênue e agora, por alguma razão se encontrou olhando a calça negra rasgada que o homem encadeado levava. Reprimiu um grito afogado quando viu aumentando o grosso vulto entre suas musculosas coxas, o estiramento do escuro tecido que o cobria. Que raios, Deusa... querida do céu, era esse seu pênis? Gisella nunca tinha visto um de verdade apesar de ter visto um montão nos proibidos vídeos pornô que assistira. Mas nada do que tinha visto podia comparar-se com o enorme pau entre as pernas do prisioneiro. Era mais grosso que seu pulso, e a parte superior se sobressaía da cintura da desfiada calça e chegava quase até seu umbigo. A cabeça púrpura, em forma de ameixa pulsava contra seu plano abdômen e havia uma gota perolada de líquido pré-seminal em seu orifício.

Deusa. Gisella sentiu que sua boca se secava enquanto dava outro passo adiante, com os olhos congelados à vista diante dela. Por estar perto do prisioneiro, podia cheirar seu almíscar, um aroma profundo como o couro, especiarias exóticas e salgadas. O aroma de um homem que a necessitava. Parecia invadir todos seus sentidos de uma vez e fazê-la perder a razão. Tinha a estranha necessidade de alcançá-lo e tocá-lo, considerar o comprimento de sua espessura na palma de sua mão e provar sua textura, para saber finalmente como um pau real era... Mas era um perfeito desconhecido, não podia fazer tal coisa.

"Você gosta do que vê?" Sua voz profunda se burlava. "Tem que perdoar meu estado de excitação, mas ao ver seus seios firmes e doces e a fresta de seu sexo, da maneira que aparecem faz que seja difícil controlar minhas reações."

Com as bochechas acesas, Gisella obrigou seus olhos a ir longe da vista erótica entre suas coxas e ir até seu rosto moreno. "F..fale a respeito de sua maldição," balbuciou ela, sem saber o que mais dizer. "Por que está encadeado à parede neste lugar escuro e terrível?"

"Direi-te o que queira saber, se só me der um pouco de alívio." Assentiu para baixo ao enorme membro que se sobressaía da parte superior de sua calça e se movia incômodo. "Encadearam-me aqui, assim não posso me ajudar e como pode ver, tenho uma horrível

Domando a Besta

Coangeline Anderson



necessidade de ajuda." Suas palavras eram amargas e sarcásticas, como se não esperasse sua ajuda, mas para sua surpresa, Gisella se encontrou realmente tendo em conta sua petição.

Voltou a olhar seu pênis palpitante, zangado ainda gotejando líquido pré-seminal contra seu ventre plano e lhe ocorreu de repente que sofria, quase em agonia. A compaixão a alagou, assim como a compulsão estranha de tocá-lo de novo. Era tão grande e forte e, entretanto uma pessoa cruel o tinha deixado encadeado aqui, possivelmente como uma oferenda à besta da que lhe tinham falado. Nomeou-se um prisioneiro de suas paixões e, entretanto não podia fazer nada para saciar-se. E se via um pouco como o homem de seus sonhos, embora nunca tivesse imaginado ao homem de seus sonhos tão grande e imponente.

"Eu... vou tentar te ajudar", disse vacilante, dando um passo mais perto dele.

"Apesar de que não posso ser muito boa nisso. Nunca hei..." Sacudiu a cabeça, incapaz de terminar. Era evidente que o homem de cabelo escuro necessitava ações e não palavras. Sentindo um comichão de estranha excitação, inclinou-se e lhe desabotoou a calça negra apertada, liberando o comprimento de seu rígido membro.

Por um momento ficou olhando, sem saber por onde começar. Estava o suficientemente perto para sentir o calor do enorme corpo do prisioneiro, irradiava contra o seu e seu aroma escuro, almiscarado seguia lhe enchendo a cabeça, mas não tinha sentido ficar de pé ali olhando fixamente.

Corajosamente se adiantou e tomou seu comprimento na palma de sua mão.

"Deuses!" Gemeu o prisioneiro do mais profundo de sua garganta. Seus quadris se moveram para frente, pressionando seu pau com força contra a mão com uma urgência, a que falava de sua necessidade. Gisella o acariciou com assombro, finalmente surpreendida, de sentir algo que tinha fantasiado sozinha durante tanto tempo. Estava quente e palpitante em sua mão e, entretanto a textura de sua pele era tão suave como pétalas de rosa.

Era como sustentar uma barra de ferro vermelha coberta de veludo que pulsava ao ritmo de seu coração. Experimentalmente tratou de envolver com seus pequenos dedos gelados todo o caminho ao redor e descobriu que não podia, era muito grosso. Acariciou o comprido

Domando a Besta

Coangeline Anderson



eixo como pôde e sentiu uma estranha emoção correr pelas costas ante seus gemidos e as maldições que saíam de seus lábios cheios com cada toque.

Inesperadamente, uma imagem se formou em sua mente. Como seria ter este enorme membro não em suas mãos, a não ser enchendo sua boceta? Gisella não tinha idéia de como ia encaixar em sua apertada boceta, mas a idéia dele lhe abrindo as pernas e pressionando a larga, espessa, palpitante carne em sua boceta apertada não saía de seu cérebro. Desfrutaria como as mulheres no vídeo pornô pareciam fazê-lo? Ou doeria quando violasse sua barreira e chocasse toda a longitude espessa contra a carne dentro de sua boceta? Ia querer ficar dentro dela quando gozasse e se era assim, ia ser capaz de sentir que gozava, palpitando em seu interior enquanto enchia sua boceta com seu sêmen?

"Deuses! Estou perto... tão perto", ofegou, trazendo à realidade da fantasia viva a que se entregou, olhando para sua parte inferior, Gisella viu que a gota de líquido pré-seminal na ponta de seu pênis se converteu num rio que corria por cima de seu ventre plano. Era brilhante a tênue luz das tochas e, por alguma razão, se encontrou querendo prová-lo.

Atreverei-me? Gisella tinha visto o ato realizado com bastante freqüência nos vídeos pornô e, entretanto nunca tinha sonhado realizá-lo ela mesma.

Honestamente, nunca tinha pensado se quereria. Mas havia algo na impotência do homem encadeado e o poder que sentia quando o acariciava que a fazia querê-lo muito mais. Depois de tudo, tinha vindo a ele vestida com um traje que mostrava claramente seus apertados mamilos e a fatia da boceta e fazia pior sua necessidade. Não devia a ele, embora fosse um desconhecido, devia ajudá-lo de qualquer maneira que pudesse?

Sem parar para pensar, Gisella se deixou cair de joelhos ante ele. Ignorando a pedra dura e fria contra seu joelho enquanto se adiantava, esfregando a longitude dolorida do grosso membro contra sua bochecha. Seu cheiro era mais forte aqui, uma mescla embriagadora de couro e especiarias que a fazia sentir-se bêbada de necessidade. Podia sentir seus mamilos pulsando com seu desejo e entre suas pernas o pedacinho de seda que lhe servia de calcinha estava empapado de seus sucos. Por que a idéia de provar este homem, de chupá-lo, punham-

Domando a Besta

Coangeline Anderson



na tão excitada, era uma questão que não podia responder. Só sabia que queria ajudá-lo, queria lhe dar prazer até que visse o jorro de esperma quente sair da ponta de seu pau.

"Deuses", murmurou outra vez, olhando-a. "O que acredita que está fazendo?"

"Ajudando-te." Gisella acariciou-o novamente e levantou a vista para encontrar seus escuros olhos tão cheios de necessidade. "Quer que pare?" Sem esperar resposta, inclinou-se e deu com a boca aberta um suave beijo no cocuruto de seu pau. O eixo que sustentava na mão, saltou em resposta ao tato suave e quando se retirou pôde saborear o sal e o sabor ligeiramente amargo de sêmen em seus lábios. Lambeu-a pensativa e decidiu que gostava do sabor e olhou para cima de novo vendo que a olhava.

"Seria um idiota se te pedisse que parasse", murmurou com voz rouca. "Mas confesso, sua boa vontade por me levar a sua boca para aliviar minha dor me surpreende."

"Quase tanto como me surpreende", disse Gisella muito baixo para que ele escutasse. Mas tinha se comprometido e agora queria levar o ato até o final. Inclinou-se de novo, desta vez sem atrever-se a tomar toda a cabeça do pau em forma de ameixa na boca. Não estava segura de quanto mais poderia encaixar, mas a cabeça pelo menos podia dirigir, e desfrutou chupando e explorando até seu orifício escorregadio na parte superior da ponta com sua rosada e pequena língua.

O prisioneiro se queixou de novo e pressionou brandamente em sua boca. Gisella o permitiu, abrindo amplamente os lábios para acomodar uns centímetros de seu membro. Logo estava chupando-o com suavidade, mas com urgência, entre seus lábios enquanto sugava e lambia para obter mais de seu líquido salgado. Enquanto o acariciava em sua boca, falava em voz baixa e rouca, fazendo-a saber o tanto que amava a sensação de seus lábios suaves e doces, de sua língua contra seu membro.

"É formosa ajoelhada assim", sussurrou enquanto Gisella trabalhava para colocar mais de seu membro em sua disposta garganta. "Só te ver me dá vontade de romper estas correias e me unir a você. Quero enterrar minha cara entre suas longas pernas. Quero te apartar a pequena calcinha de seda que tem em sua boceta e te comer docemente até que gema e ofegue.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Quero pressionar minha língua no interior de suas dobras e te sentir tremer enquanto goza por mim."

"Meu senhor" murmurou Gisella, por fim, retirando-se por um momento de sua ereção palpitante. "Você me faz corar com essa forma de falar. Nem conheço o senhor."

"E mesmo assim é tão amável em me trazer alívio, embora só seja por um momento," rugiu ele.

"Não te dei nenhum alívio até o momento," disse Gisella, olhando seu pênis ainda duro.

"Mas me levou direto até a beirada", disse-lhe. "Melhor acabar com suas mãos. Se me levar a sua boca outra vez não serei capaz de me segurar."

"Quer dizer que... gozará em minha boca?" Gisella se ruborizou enquanto falava. Era outro ato que tinha presenciado e nunca poderia desempenhar. E, entretanto se encontrava estranhamente intrigada pela idéia. Queria ter o membro do prisioneiro na boca e sentir o pulso de seu grosso pênis contra sua língua enquanto ele brotava esperma quente em sua garganta?

"Não lhe pedirei isso", disse o prisioneiro, mas todos os músculos de seu enorme corpo estavam tensos com a necessidade de liberação. "O que tem feito é um favor maior do que quaisquer umas de suas predecessoras me demonstraram."

Gisella quis perguntar de que predecessoras estava falando, mas de novo, sentiu que necessitava mais ação que palavras. Olhou os olhos escuros e amargos do prisioneiro e logo os baixou com suavidade à cabeça que a queimava de seu membro, uma vez mais.

"Não faz falta que me peça isso", murmurou. "Agrada-me te dar alívio." Dobrou a cabeça mais uma vez, tomou a cabeça em forma de ameixa e colocou grande parte de seu pau como pôde entre os lábios e começou a lambar e chupar de uma maneira que não deixava nenhuma dúvida quanto a sua intenção.

"Deuses!" Ele moveu a cabeça para trás, seus quadris saltaram, e ela sentiu uma onda de puro poder que pareceu saltar entre eles. E depois ele gozou, gozou com fortes ferveras salgadas por sua disposta garganta enquanto Gisella seguia adiante e insistia para que deixar-se ir.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Descobriu que seu sêmen estava quente e espesso e absolutamente delicioso. O aroma picante escuro dele parecia impregnar sua essência, por isso não era uma tarefa, absolutamente, tragar os jorros quentes que bombeava a parte posterior de sua garganta. Surpreendeu-se vagamente de encontrar a si mesma não menos desgostada por seu próprio afã de beber tudo o que tinha que dar. De fato, estava mais excitada que nunca, com seus mamilos duros contra a blusa de seda fina e sua boceta torcida e quente com necessidade.

Por fim, deixou de gozar e Gisella se afastou a contra gosto, lambendo os cantos de sua boca como um gato tentando obter os últimos restos de leite. Para sua surpresa, entretanto, seu pênis de rocha sólida entre suas coxas não baixou nem um pouco. De fato, parecia estar mais duro e dolorosamente ereto que nunca.

"Por que... por que não está satisfeito?" Olhou do membro que pulsava até o prisioneiro com ansiedade. "Sinto muito, meu senhor, fiz o melhor que pude para você."

Sacudiu a cabeça e fechou os olhos com força por um momento. Quando os abriu, estavam cheios de uma tortura como nada que Gisella tivesse visto antes.

"Não é sua culpa, pequena," disse com surpreendente delicadeza. "Fez todo o possível e muito mais que qualquer das outras garotas desventuradas que meus servos trouxeram aqui."

"As outras garotas?" Gisella ficou de pé e franziu o cenho. "Mas então... Você é o mestre aqui?" Não se surpreendeu ao escutá-lo. Embora amarrado e nu, o homem imenso tinha um ar de nobreza nele que não se podia negar.

Assentiu com cansaço. "Sou Eu."

"Mas por que está encadeado como um detento? E o que tem a besta da que falou antes?" Agora que lhe tinha dado a liberação, Gisella encontrava sua curiosidade poderosamente excitada.

Suspirou e teve a sensação de que teria esfregado os olhos ou passaria uma mão pelo cabelo em sinal de frustração se suas mãos estivessem livres.

"Sou ambos o amo e o prisioneiro. Como te disse antes, estou sob uma maldição. E por isso também sou a besta."



Capítulo 3

A Maldição

"Você é a besta?" Gisella o olhou fixamente pensando que devia haver algum engano. "Parece o suficientemente humano para mim, meu senhor."

"Pode me chamar Tristan, pequena." Suspirou. "Não terá muito tempo para me chamar assim."

Gisella sentiu o dedo frio do medo na parte posterior de seu pescoço com seu tom inóspito, mas estava decidida a não demonstrar-lhe

"Se me permite te chamar Tristan então pode me chamar de Gisella", disse energicamente. Olhando a seu redor às sombras de pó, encontrou um banquinho de madeira de três pés e o puxou perto para poder olhá-lo enquanto falava. "E agora, comecemos pelo do início, por favor. Fale-me da maldição. Como ocorreu? E como pode ser quebrada?"

"Não pode ser quebrada." Havia tristeza e dor em sua profunda voz. "Ou pelo menos, não pelas que vieram antes. Mas te direi como aconteceu."

"Por favor". Gisella se inclinou com os cotovelos até seus joelhos e o olhou com curiosidade, desejosa de escutar o relato.

"Sou o legítimo governante de Rigel Nove", começou o prisioneiro que agora sabia que se chamava Tristan. "Faz cinco anos, depois da prematura morte de meus pais subi ao trono e comecei a procurar uma noiva para governar a meu lado. Estava decidido a encontrar alguém com coragem e integridade, assim como com beleza pelo que minha busca foi longa. Um dia, uma formosa nave de ouro aterrissou em nosso porto espacial e a mulher que desceu pediu uma audiência comigo." Suspirou e sacudiu a cabeça. "Muitas vezes desejei haver-lhe negado,

Domando a Besta

Coangeline Anderson



mas tinha curiosidade pelo que a concedi. Embora, estou seguro de que teria encontrado alguma maneira de chegar a mim sem importar como."

"Quem era ela, essa estranha mulher?" Gisella se encontrava totalmente apanhada no conto que estava começando a soar como um dos contos de fadas que sua mãe tinha lido antes de ir à cama fazia anos, quando era uma menina.

"Era uma feiticeira do sistema Therran. Têm a capacidade de dobrar a realidade em estranhas e terríveis forma, formas, que não podia sequer imaginar. Você pode zombar se quiser, eu zombei dela quando me disse isso", continuou Tristan. "Ninguém acredita em bruxas, maldições e magia. Não acreditei até que foi muito tarde."

"O que ela te fez?" Gisella estremeceu, intrigada pela estranha história.

"Ela queria que eu a tomasse como esposa. Mas acredito que o que realmente queria era governar através de mim para ter todo o poder e a riqueza de Rigel Nove e fazer com isso o que quisesse." Franziu o cenho. "Era muito linda, mas eu queria me casar por amor, encontrar uma mulher digna de ser a senhora deste planeta. Não uma bruxa ambiciosa, que só queria espremer tudo o que podia da posição para seu próprio prazer. Assim, me neguei".

"E então ela pôs uma maldição sobre você?" Gisella não zombou da idéia.

Por alguma razão acreditava no que Tristan estava dizendo.

Ele assentiu. "Uma maldição que não pode ser quebrada. Disse que como não a aceitaria, não teria a ninguém. Uma vez ao mês no momento que as luas gêmeas de Rigel Nove se juntavam em algum lugar do céu me converteria numa besta e seria selvagem com a mulher que tentasse amar. Quando pronunciou a maldição, desapareceu numa nuvem de fumaça fedorento e negra deixando as marcas em minhas têmporas e braços como os vê agora." Indicou as estranhas e curvadas marcas negras que lhe desvirtuavam a pele tão suave de seus bíceps e sua testa.

"O que... Em que classe de besta se converte?" O medo percorria sua coluna vertebral, mas Gisella tratou de manter a voz firme.

Tristan se encolheu de ombros e as correntes detrás dele tilintaram. "Só sei o que me dizem meus servos. Alguns dizem que ainda me vejo parcialmente humano, mas que tomo o

Domando a Besta

Coangeline Anderson



aspecto de um animal da Antiga Terra que se chamava Touro, com grandes chifres curvados e olhos exagerados. Conhece a criatura da que falo?"

Tragando saliva, Gisella assentiu. Ela como a maioria das crianças na galáxia, foram instruídos na escola sobre o planeta mãe, do que toda a humanidade era descendente, os animais da Antiga Terra tinham sido sempre um de seus temas favoritos.

"Assim que te converte numa besta e..."

Os olhos escuros do Tristan se encheram de dor. "No momento em que me converto, quando a maldição me leva, estou controlado por uma luxúria animal. Vejo-me obrigado a possuir a mulher que tenha a má sorte de estar perto de mim. Há uma fome em mim para tomá-la, por possuí-la por completo e enchê-la com meu pênis até que gozo dentro dela uma e outra vez. Se ela resiste a meus avanços me... volto violento e incontrolável."

Gisella levou uma mão à garganta. Seus olhos foram atraídos de novo à pilha de ossos de marfim. Tristan deve ter visto o que estava olhando, porque quando voltou a falar, sua voz estava cheia de auto-desprezo e dor.

"Esses são os ossos das primeiras mulheres que tiveram a má sorte de tratar de romper a maldição. Guardo-os aqui para me recordar do que sou, o que posso ser. Há anos pedi a meus servos que me acorrentem, como me vê agora, quando os desejos da maldição caem sobre mim. Têm ordens para tratar de resgatar a infeliz mulher de mim, devo soltá-la, o que faço freqüentemente. Eu mando embora às que não acabam mortas, com uma generosa recompensa. Muitas tentaram, mas até agora ninguém conseguiu." Suspirou. "Durante muito tempo quis deixar de tentar e simplesmente suportar a maldição uma vez ao mês, mas o conselho de anciões não me escuta. Enquanto dure a maldição, não posso casar. E até que tenha noiva, não posso ter nenhum herdeiro. Se morrer sem deixar um filho ou filha para tomar meu lugar, todos em Rigel Nove entrarão guerra e destruição."

"Mas... mas pensei que disse que a maldição era inquebrável." Gisella franziu o cenho. "E, entretanto, seu servo, que me comprou e me trouxe aqui, disse algo a respeito de uma profecia. Algo ao redor de dois sóis vermelhos em alinhamento?"

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Ah, sim, a profecia." Tristan se pôs a rir com amargura. "Foi uma vez uma fonte de esperança para mim e meus conselheiros, mas resultou ser uma promessa vazia. Imediatamente depois que a bruxa pôs a maldição sobre mim e foi claro que não era uma vã ameaça, uma sábia mulher do país se apresentou em minha casa um dia. Apareceu ante mim e meu conselho e disse: *"Sua Majestade, conheço a dor que está sofrendo cada mês no momento em que as luas gêmeas se juntam como uma só."* Desde que mantivemos secretamente oculta minha aflição, fiquei muito surpreso ao escutar isto. Alguns de meus vereadores queriam decapitá-la, temendo que fosse difundir esses rumores. Mas os detive, ansioso de escutar o que tinha para dizer."

"E o que ela disse?", Perguntou Gisella com impaciência.

"Disse que uma moça poderia me liberar da maldição. E disse esta profecia." Fechando os olhos, Tristan recitou em voz baixa.

"Quando duas estrelas vermelhas se alinharem

Seis lugares do sol

De Beta vem uma menina

Quem será a escolhida

Quando a pureza conhece o desejo

Em uma virgem e prostituta

Saciará ao touro de sua escura lascívia

E a maldição acabará."

Abriu os olhos e olhou a Gisella. "É obvio que houve muitas interpretações diferentes e cada um de meus conselheiros tinha uma idéia diferente do que significava. A mulher sábia desapareceu pelo que não pude lhe perguntar nada mais. Mas era minha única esperança e me aferrei a ela, que algum dia chegaria uma garota que pudesse suportar minha luxúria animal no momento da mudança e que essa garota poderia romper a maldição."

Gisella estava pensando muito, o lábio inferior apanhado entre os dentes. "Mas já não tem esperanças?"

Tristan se encolheu de ombros desalentado. "Não parece haver nenhum ponto. Assim muitas mulheres tentaram e fracassaram. E muitas tentaram e morreram." Assentiu à pilha de

Domando a Besta

Coangeline Anderson



ossos espantosos de marfim. "Você é só uma há mais na longa fila, pequena Gisella. E quando as luas gêmeas se elevem como uma sobre nossas cabeças, e vão se elevar muito em breve porque eu sinto, vou trocar de forma e me converter numa besta tão horrível que será incapaz de me olhar." Suspirou.

"Se for o caso, não se importe em tentar romper a maldição, corre tão rápido como é possível à porta da masmorra e chame para ser liberada. Só tem que ser rápida e ir antes que me transforme em animal. O aroma do corpo de uma mulher amadurecida, especialmente se sua vagina está molhada e pronta para foder é muito para mim quando sou uma besta e sem dúvida rompereí minhas correntes e irei atrás de você."

"E... e se eu não quiser correr? Se quiser tentar romper a maldição?" Gisella engoliu em seco, mas se obrigou a continuar. "O que... o que devo fazer?"

Tristan a olhou com respeito e assombro em seus olhos escuros. "De verdade quer tentar? Nenhuma garota em todos estes anos teve coragem. Todas correm de mim com medo quando escutam minha história e vêem os ossos das que tentaram antes que elas."

"Eu..." Gisella arriscou outro olhar à pilha de ossos e logo se levantou e deu um passo para o homem acorrentado até que pôde sentir o calor de sua pele nua contra seu corpo quase nu uma vez mais. "Não quero ir sem tentar", disse em voz baixa.

Pensou em dizer ao Tristan de seus antecedentes e a razão de porque pensava que podia desfazer a maldição, mas sentiu que tinha pouco tempo para falar. Já que seus olhos escuros estavam tomando um tom mais claro e as marcas negras que curvavam sua testa e têmporas começavam a pulsar, como se tivessem um pouco de estranha energia mágica.

Lá fora, as luas gêmeas deviam estar elevando-se enquanto falavam, logo se converteria num monstro.

"O que devo fazer?", Perguntou de novo.

Tristan a olhou de sua imensa altura e seus escuros olhos eram agora quase de ouro. "Deve-se submeter", disse com voz rouca. "Enviar meu pênis a sua boceta, se submeter a minha penetração. Mas lhe advirto isso, não será fácil. Tão grande como estou agora, crescerei ainda mais em minha outra forma. E não serei gentil".

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Gisella engoliu em seco e escutou um seco click na parte posterior de sua garganta. Ia realmente fazer isto? Depois de tudo, Tristan tinha mostrado uma saída fácil, podia correr no minuto que mudasse e pedir aos criados para libertá-la. Depois, ainda com sua virgindade intacta, poderia fazer seu caminho para o convento da Deusa da Luz e assumir a vida que seus pais tinham planejado para ela.

Mas quando pensava no convento, a única coisa eu podia pensar era que nunca mais voltaria a ver um homem, não especialmente um homem tão lindo e fascinante como Tristan. Nunca saberia o que era tocar um homem ou sentir um pau entre suas coxas, enchendo sua boceta de sêmen. Pensou no prazer que havia sentido quando o havia tocado e provado, valeria a pena o risco para ter prazer outra vez? Se fosse par o convento, estaria morta antes de sequer haver vivido. Considerando que, quando tentasse romper a maldição, embora não conseguisse, teria vivido uma existência mais verdadeira, e mais emocionante em sua hora final, do que teria feito na vida ao ser uma sacerdotisa celibatária escondida num templo sem nada o que fazer a não ser meditar o dia todo. Com esse pensamento, sabia que havia tomando uma decisão.

Respirou profundamente e olhou Tristan nos olhos. "Não tenho medo", disse, embora seu coração pulsasse tão forte no peito que quase se podia ouvir. "E eu gostaria de tentar romper a maldição."



Capítulo 4

A Besta

"Muito bem. Mas lembre-se, se ficar e permite ser penetrada pela besta, não te deixarei ir até que esteja satisfeito. Até que tenha reclamado por completamente sua boceta e a encha com meu espermatozoides. Entende?" A voz do Tristan era pouco mais que um grunhido e as marcas negras e espessas nas têmporas tinham começado a cobrar vida. Já não eram só marcas planas, mas sim eram longos, curvados chifres negros com pontos perversamente agudos que se curvavam para fora e para trás, aos lados de sua testa.

"E-Entendo." Gisella tragou e de repente se perguntou se isto era uma ideia tão boa depois de tudo.

"Então, se realmente deseja provar, fique ali onde possa te ver e te cheirar", retumbou. "E recorda que não deve lutar. Faça o que fizer, deve se submeter. Entendeu?"

"Sim". Assentiu Gisella, com o pulso acelerado.

"Gisella, é muito valente, pequena. A mulher mais valente que conheci. Nenhuma outra teve a coragem de me tocar, me levar em suas mãos, a sua boca e beber meu leite." Suspirou e embora seus olhos fossem agora como anéis de ouro maciço e tivesse chifres curvos negros na cabeça, sentia pena por ele.

"Queria te ajudar. Ainda quero te ajudar." Gisella se manteve firme apesar de que estava crescendo em tamanho e a humanidade estava se esvaindo de seus olhos dourados.

"Mas temo... temo que possa te fazer mal. Se desperto da maldição e te encontro morta..." Sua voz, agora era espessa, apenas humana, e quando flexionava seus musculosos braços as correntes rangiam alarmanamente.

"Não tenho medo", disse Gisella apesar de que era mentira. "Você... você não me fará mal".

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Mas se o faço..." Sacudiu a cabeça, com gesto animal, como uma besta a ponto de entrar no cio e lutar. "Não, é... muito arriscado. Não... Não quero que se... arrisque".

"Fico". Gisella sacudiu a cabeça e se manteve firme.

"Não... foge... agora!" Sua última palavra foi quase um rugido, e com ele, viu o último de sua humanidade deixar seus olhos dourados. Era totalmente uma besta agora, deu-se conta que o olhava com assombro. Era quase o dobro do tamanho que tinha sido como homem e seu pênis... Grande Deusa, seu membro era enorme. Levantava-se entre suas pernas como um pau, um rio de líquido pré-seminal gotejava da larga cabeça. Por um momento Gisella sentiu pânico quando pensou no enorme touro-homem em que Tristan se converteu e que tentaria encaixar essa imensa arma entre suas pernas. Mas mordeu o lábio inferior e se manteve firme. Tinha dado sua promessa de tentar quebrar a maldição e o faria, ou morreria tentando.

Os olhos evidentemente dourados da besta caíram sobre ela e seu lábio se curvou num grunhido. Com uma flexão de braços, rompeu as correntes de pesado metal como se fossem partes de corda e quebrou as algemas de seus braços.

Logo, com um pesado passo que pareceu sacudir a masmorra, espreitou-a.

Não devo correr. Não devo correr, Gisella repetia uma e outra vez dentro de sua cabeça e, entretanto, era muito mais fácil dizer do que na realidade obedecer à ordem. Era impossível ficar quieta e esperar que o enorme monstro se aproximasse dela. Se procurasse na cara da besta ainda poderia ver o obscuro Tristan, seus formosos rasgos, mas a fome ardente em seus olhos anunciava que não era mais que uma presa para ele.

Lentamente, com cuidado, afastou-se enquanto a besta avançava. Podia ser uma covarde, mas não podia suportar ficar quieta e esperar ser esquartejada e comida – simplesmente não podia. Talvez pudesse chegar à porta e depois chamar a todos, em voz muito baixa para não incomodar a besta, para que os serventes que a deixassem sair. Tristan havia dito que estavam treinados para resgatar às garotas que traziam. Se tão somente pudesse chegar, poderia...

A parte posterior de seus joelhos se chocou com algo suave e flexível, e quase caiu.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Arriscando um rápido olhar por cima do ombro, Gisella se deu conta de que se apoiou diretamente ao lado da cama ricamente vestida, a que tinha visto logo que entrara no calabouço. Deusa, agora o que?

Enquanto se perguntava o que fazer, a besta de repente apareceu sobre ela.

Gisella sentia como se fosse desmaiar de medo enquanto sua imensa parte se abatia sobre ela. Inclinou-se, inalando profundamente e de repente soou a voz do Tristan em sua mente. O aroma do corpo de uma mulher amadurecida, especialmente se sua boceta está molhada e pronta para foder, é muito para que suporte. Era isso o que a besta estava fazendo, cheirando-a para estar seguro de que estava amadurecida para fode-la? Deusa Querida! Tremendo, Gisella fechou as coxas com força, mas sabia que era inútil. Chupar Tristan e ter engolido seu sêmen antes havia enchido de líquido sua boceta. Não havia forma de que a besta pudesse evitar cheirar seu aroma. E no momento em que o fizesse, estaria em zelo. Para penetrá-la e enchê-la com seu sêmen como Tristan lhe tinha advertido.

Para confirmar seus temores a besta se inclinou e apertou sua cara contra seu ventre, onde a separação de sua saia revelava a pequena calcinha de seda que mal cobria seu sexo. Gisella retrocedeu e gritou ao sentir o fôlego quente acariciando o montículo de sua boceta. Os refugos úmidos de seda e renda que a protegiam dos avanços da besta não pareciam ser de absolutamente nenhum amparo. Lutando loucamente, conseguiu afastar-se dele, primeiramente arrastando o rosto contra a cama. Mas tão logo levantou o traseiro ao ar para impulsionar-se para frente sentiu uma enorme mão emaranhando no de tecido de gaze de sua curta saia e a rasgou.

Deusa, não! Agora estava nua por trás, exceto pelo fino fio de seda da calcinha que não cobria nem sequer os lábios de sua boceta e mal cobria seu clitóris. Tinha que fugir antes de...

Mas não teve a oportunidade de terminar seu pensamento porque nesse momento sentiu duas palmas de mãos duras e enormes no interior de suas coxas lhe estendendo as pernas. O movimento separou também seus lábios vaginais, abrindo sua boceta completamente e expondo o delicado interior cor de rosa. Gisella sentiu o tecido magro de sua calcinha

Domando a Besta

Coangeline Anderson



movendo-se para o lado e sabia agora que inclusive o botão de seus clitóris estava completamente fora. A besta podia ver tudo, e ela não podia fazer nada.

Estava totalmente indefesa, sua boceta completamente aberta aos seus avanços e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Tentando controlar seu pânico, Gisella baixou a cabeça e esperou. A qualquer momento esperava sentir a cabeça palpitante do monstruoso pênis violando sua entrada e empurrando dentro de sua boceta virgem e vulnerável. Mas para sua surpresa, em lugar da cabeça bulbosa, sentiu uma rajada de ar quente contra o interior de suas coxas. O que era que a besta planejava fazer...?

Uma quente, úmida língua lambeu o exterior de sua vagina quase a deixando sem fôlego. Deusa, estava-a, estava-a saboreando, tal como ela o tinha provado.

"Tristan", sussurrou, perguntando-se se de algum jeito podia entendê-la.

"Tristan, por favor..."

A língua esteve de volta, pulverizando pelos lábios de sua boceta, desta vez com uma lambida comprida e persistente que a deixou sem fôlego. Sem saber o que estava fazendo, Gisella inclinava a pélvis para trás, abrindo-se ainda mais, dando a besta maior acesso a seu inchado sexo. A besta em que Tristan se converteu fazia um som profundo e animal de aprovação e apertou mais forte contra sua vagina. Lambeu o broto palpitante de seu clitóris e chupou com surpreendente suavidade até que Gisella pensou que ia gritar. Estava em suas mãos e joelhos, os quadris inclinados para trás e a cabeça arremessada para suas costas enquanto ofegava pelo prazer que estava lhe dando. Seus seios estavam pendurados, depois de ter afrouxado a blusa de seda branca e nunca havia se sentido tão nua e tão indefesa em sua vida. E, entretanto, nunca se sentira tão viva. Mas a besta não tinha terminado com ela ainda.

Segurando seus quadris mais firmemente em suas enormes mãos, pressionou para frente e de repente Gisella sentiu a espessura escorregadia da língua em sua entrada. Era larga, quente e exigente.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Deusa, teve tempo para pensar. *Deve ser tão grossa e longa como o pênis de qualquer outro homem. Se não se detém vai fazer que...* A idéia foi interrompida quando atravessou seu hímen e pressionou com força e profundamente até o final do seu canal.

Gisella gritou uma vez pela aguda dor, e logo baixou a cabeça, ofegando, enquanto a grossa língua trabalhava dentro e fora de sua vagina recentemente aberta. Nunca tinha esperado que sua virgindade fosse tirada dessa maneira, mas não tinha sido tão mau quanto temera. A dor se foi, substituída por um prazer de adormecer a mente enquanto a língua da besta seguia comendo sua vagina com uma intensidade sem sentido.

"Tristan", ofegou enquanto lambia seu traseiro. "Tristan, OH deusa, é tão... é tão... tão bom."

Como se realmente a entendesse, a besta se moveu para trás o suficiente para rasgar sua calcinha e fazê-la desaparecer por completo e logo redobrou os esforços em seu indefeso sexo. Enquanto chupava e lambia seus clitóris, Gisella sentia o prazer que estivera construindo em seu interior levantar-se como uma enorme onda e rodar sobre ela numa corrente de sentimentos quentes que a deixava débil e sem fôlego. Tão freqüentemente se havia tocado na escuridão de noite em sua solitária cama e nunca havia sentido nada como isto.

"Vou gozar, vou tão forte..." queixou-se em voz alta com a intensidade do prazer e logo por um momento tudo ficou escuro enquanto desabava, não podendo suportar mais.

Quando gozou um momento mais tarde deu-se conta que se derrubou sobre a cama e que a besta a sustentava protetoramente a seu lado. A pele e o aroma de especiarias que tinha cheirado a primeira vez que tinha tocado Tristan agora era forte em seu nariz e os olhos de ouro que a estavam olhando pareciam ter alguma faísca da inteligência, um raio de humanidade que não tinha estado ali antes. Poderia ser? Estava realmente comunicando-se com ele? Gisella quase temia ter esperança.

"Tristan", sussurrou em voz baixa, acariciando a bochecha áspera e passando a mão pelo cabelo negro e peludo. "Tristan, sei que está ai em alguma parte."

A besta grunhiu brandamente, mas não afastou seu toque. Em seu lugar, inclinou a cabeça e passou as gemas direto em seus mamilos, o que fez a Gisella suspirar de prazer.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Encontrou seus olhos que eram atraídos à zona entre suas pernas ao pau comprido, grosso de seu sexo ainda palpitando com necessidade. Era tão grande, ainda mais imenso do que tinha sido quando Tristan estava em seu são julgamento.

Como era possível tomá-lo inteiro em sua apertada boceta? E, entretanto, Gisella tinha a sensação de que era a única maneira de ganhar, a única maneira de recuperar sua humanidade completa e romper a maldição. Teria que submeter-se, como ele havia dito. Teria que abrir as pernas e dar boas vindas ao espesso invasor de sua vagina e deixar que bombeasse em seu interior até que a enchesse de seu sêmen. Entretanto, Deusa, poderia realmente fazê-lo?

Sim, podia, Gisella decidiu quando sua determinação aumentou. Sim, apesar dos chifres negros curvados e os olhos de ouro, havia mais do Tristan na besta do que tinha antes. Tinha-a dito que era mulher mais valente que conhecera e não queria decepcioná-lo. E, além disso, havia algo aterrador e emocionante a respeito de tomar algo tão grande, tão grosso em sua apertada boceta.

Tinha desfrutado a fundo a maneira em que havia sentido sua língua penetrando-a, e só podia imaginar o muito mais profundo e mais duro que seria ter dentro dela seu pau inteiro.

"Tristan", murmurou, baixando as pernas lentamente, para não assustá-lo. "Tristan, sei o que necessita e o tenho aqui para que tome." Tremendo de medo e desejo, abriu as pernas mais amplamente enquanto acariciava seu enorme eixo. Ainda se sentia como de veludo sobre aço quente, mas havia muito mais dela agora.

Será que enlouqueci? Gisella se perguntou enquanto lhe acariciava o palpitante pênis. *Como posso esperar que isto se ajuste dentro de mim? Certamente me vai romper em duas enquanto me penetra com esse enorme eixo.*

Mas seu momento de dúvida chegou muito tarde. A besta já se movia por suas coxas e se colocava em posição entre eles. Levantando as nádegas com suas grandes mãos, abriu-a separando-a para tomar sua inflamada boceta por assalto.

Gisella mordeu o lábio inferior entre seus dentes brancos e procurou acalmar o frenético batimento de seu coração. Devido à forma em que a besta a tinha levantado e inclinado a pélvis, podia ver tudo o que estava passando entre suas pernas e não era tranquilizador.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Observava com alarme como a cabeça larga, em forma de ameixa encontrava a fatia de sua boceta e começava a esfregar ao longo dela com movimentos largos e lentos. Estava completamente nua, um fato que a besta tinha aproveitado para estender os lábios de sua vulva com a cabeça de seu membro e difundir líquido quente pré-seminal sobre seu nu, palpitante clitóris.

Gisella gemia enquanto via a besta brincando, como se soubesse o que estava fazendo. Por que simplesmente não a tomava já? Por que esta sedução lenta, brincando com seu prazer enquanto explorava sua indefesa boceta?

Como se tivesse escutado seus pensamentos, a besta trocou de posição e a ampla cabeça de seu pênis finalmente encontrou a entrada de sua boceta. Gisela ficou sem fôlego, antes que a ponta de seu eixo entrasse no interior de sua lisa vagina. Apertando as mãos em punhos, preparou-se para uma rápida entrada brutal. Sem dúvida, agora que a besta tinha encontrado seu caminho, não duvidaria em enterrar-se nela e enchê-la para acabar.

Mas a besta em que Tristan se converteu a surpreendeu de novo. Em lugar de penetrá-la com um golpe duro, rápido, pressionou brandamente, quase com delicadeza contra a entrada de sua boceta. Gisella deu um pequeno grito ao sentir a cabeça entrar, estirando as paredes de seu interior como nunca as tinham estirado antes que desaparecesse em seu canal.

Mãos quentes acariciaram suas coxas enquanto a besta esperava um tempo antes de continuar. Logo se moveu ao contrario e Gisella viu com fascinação como outros centímetros de seu membro entrava em sua vagina. Pouco a pouco, centímetro a centímetro, a besta a abria, pressionando seu enorme pênis mais e mais em sua tenra boceta. Gisella nunca se sentiu tão incrivelmente cheia e, entretanto o comprido e grosso membro parecia interminável. Abrindo até mais suas coxas, mordeu com força o lábio e tentou estar o suficientemente aberta para tomar tudo. Deusa, Alguma vez ia acabar? Quanto mais do selvagem intruso podia tomar? Estava mais que agradecida com a besta por ter rompido sua barreira de solteira com a língua - não havia maneira possível que tivesse podido suportar a dor de sua virgindade sendo tirada por este enorme pênis.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Justo quando estava começando a pensar que não podia agüentar mais, sentiu a cabeça de seu pênis, ao final de sua vagina.

Quentes gotas de líquido pré-seminal fluía de sua ponta, banhando a entrada de seu ventre, e sabia que logo seria alagada com seu gozo. Mas primeiro devia suportar ser fodida.

Gisella nunca se havia sentido tão cheia, tão aberta. Manteve-se sobre suas costas, seus mamilos nus empurrando no ar e suas pernas o mais abertas possível em torno dos quadris da besta enquanto se abatia sobre ela com seus chifres negros e espessos e a queimava com o olhar. Entre suas coxas podia ver o enorme membro enterrado em seu interior até a raiz. Não havia realmente nenhuma oportunidade de afastar-se agora. Não havia nada que pudesse fazer, a não ser relaxar e deixar que a besta chegasse até o final. Respirando profundamente, Gisella se dispôs a fazer precisamente isso.

"Por favor... Tristan..." sussurrou, acariciando seu cabelo de novo. Era sua imaginação ou os negros e curvados chifres de sua cabeça se via um pouco menos reais, um pouco menos substanciais? E seus olhos estavam perto da cor âmbar quente como ouro brilhante que tinha quando mudou? "Por favor", disse-lhe à besta. "Por favor, foda-me, Tristan. Foda-me e me encha com seu sêmen para que nós dois possamos ser livres."

A besta parecia entender sua petição. Tomando um agarre mais firme em seus quadris, trocou de posição, as pernas de Gisella agora descansavam sobre seus ombros, e começou a sair de sua boceta apertada.

Gisella gritou quando entrou de novo nela, agarrando seus tornozelos finos em suas grandes mãos enquanto penetrava sua indefesa boceta. Aqui estava a foda violenta que tinha esperado todo o tempo, aqui estava o pau selvagem que ameaçava dividi-la em duas enquanto a besta tomava seu prazer dela satisfazendo seu desejo na vulnerável boceta. E, entretanto, misturado com a dor havia um prazer tão profundo e amplo em sua intensidade que Gisella se sentia como se estivesse afogando. Com o pau da besta se inundado em sua boceta uma e outra vez sentia um apertado puxão em seu ventre, um puxão que devia explodir logo ou se voltaria louca.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Deusa, OH deusa, não posso... não posso suportá-lo! Mas devia. Não havia escapatória da besta, agora que tinha começado a fode-la. Não havia escapatória da situação, salvo mediante a aceitação de seu sêmen, seu quente esperma em sua desprotegida boceta.

Apertando seus olhos, Gisella fez todo o possível para que a besta gozasse. Pressionando seus quadris para cima, procurou encontrar suas selvagens estocadas, abrindo sua vagina a seus impulsos. Seus mamilos estavam duros e seu clitóris palpitava, fodeu de volta à besta, tentando seguir o ritmo, apertando seu pênis com os músculos de seu interior que já se esforçavam por receber o leite de seu grande membro. Por fim teve êxito.

Com um rugido que soou estranhamente como seu nome, a besta se apoderou de seus quadris e apertou tão profundamente como pôde em sua vagina. Gisella sentiu uma rajada quente de líquido banhar a entrada de seu ventre e logo o puxão dentro de seu ventre se rompeu e ela gozou, sua vagina dava espasmos sem poder fazer nada com o grosso invasor enquanto a besta a alagava com sua semente.

"Deusa! OH Tristan, sim! Sim!" Gemeu ela, sem lhe importar se a besta a entenderia ou não. "Sim, isso... OH deusa, assim. Goza dentro de mim, me encha toda!"

Sentia o rio de líquido queimando e transbordando sua boceta, percorrendo pela coxa e logo o intenso prazer, a dor e o medo a que tinha sido submetida a venceu. Pela segunda vez naquela noite o mundo escureceu e Gisella não soube de mais nada.



Capítulo 5

As Conseqüências

Quando despertou, viu um par de olhos escuros, preocupados olhando-a. Gisella se agitou pela confusão, sem saber ao princípio onde estava e uma voz grave ressonou em seu ouvido.

"Graças aos deuses, pensei que a tinha matado."

"Me matado?" De repente se lembrou de tudo, a advertência de Tristan par que escapasse, sua transformação na besta, e a brutal, mas estranha e gentil transa que tinha recebido. Quando pensava nisso, Gisella se deu conta que estava muito dolorida entre as pernas, mas era uma dor prazerosa, a ligeira dor que vinha de ser montada a fundo por um pênis grosso. Estava muito pegajosa, e completamente nua, um fato que a fez sentir calor nas bochechas de vergonha. Tentou se sentar para encontrar algo para se cobrir e o mundo deu voltas a seu redor.

"Tome cuidado. Aqui, deixa que te ajude." Tristan ainda soava preocupado enquanto envolvia seus grandes e musculosos braços ao seu redor, apoiando-a na enorme cama.

Gisella levou uma mão à cabeça e olhou a seu redor, o calabouço escuro confundida. Logo olhou a testa de Tristan, que estava limpa das linhas negras. "O que aconteceu com sua cabeça? E onde... onde está a besta?"

Tristan lhe sorriu, com uma expressão desconhecida acendendo sua escura e melancólica feição fazendo-o extraordinariamente bonito. "Foi-se, minha senhora. Foi-se para sempre, graças a você. E com ele se foram às marcas de minha escravidão, as linhas em minha testa e braços." Mostrou-lhe seus suaves bíceps sem marcas, flexionando os músculos sob sua bronzeada pele.

"Mas eu..." Gisella negou. "Não fiz nada. Nada além de me submeter, somente isso."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Mas isso era tudo o que se necessitava." Tristan lhe sorriu e acariciou uma mecha de seu loiro cabelo enredado fora de seu rosto. "Não tentou escapar ou gritar pedindo ajuda, simplesmente submeteu aos desejos animais da besta. Por isso rompeu a maldição. Nunca mais tenho que ser encadeado a este horrível lugar, à espera do que mais temo. Nunca mais vou temer machucar ou matar a mulher que estiver comigo para tentar romper a maldição."

"Eu... talvez houvesse outra razão para ser capaz de rompê-la", vacilou Gisella.

Entrecortadamente, contou-lhe sua história, de como tinha planejado ir a um convento e foi vendida em troca por seu avaro tio para cobrir suas dívidas. E de como se ofereceu a seu servente, acreditando que era melhor servir a um homem que a muitos.

Tristan a olhou com assombro. "Assim é como a profecia previu— realmente é uma virgem e uma prostituta."

Ruborizando-se, Gisella assentiu. "Era-o em qualquer caso. Mas já não sou virgem, meu senhor."

Parecia sério. "Quanto a isso, não tinha idéia de que realmente seria totalmente inexperiente nas formas de sexo. Todas as mulheres que haviam me trazido ultimamente tinham sido prostitutas profissionais. E a forma em que me tocou e me levou em sua boca, eu, só assumi..."

Gisela sentiu como suas bochechas se prendiam com fogo, seu rosto estava tão quente. "Ah, bom, verás, nunca tinha feito em realidade nada disso, mas tinha visto." Retorcendo os dedos nervosamente, explicou a respeito dos vídeos pornô que tinha encontrado e as fantasias secretas que se permitiu durante a parte mais escura da noite.

"Assim sonhava com isto? De ser sustentada e amada? De ser penetrada?"

Tristan murmurou, olhando-a aos olhos.

"Fiz-o", Gisela confessou em voz baixa. "Eu... desejava sentir a um homem dentro de mim, meu senhor. Não queria viver toda minha vida sem nunca ter tido a sensação das mãos de um homem explorando meu corpo e seu pênis empurrando profundamente dentro de meu sexo. Eu... eu acredito que foi a razão pela que estava tão disposta a te ajudar antes. Sempre me tinha perguntado como seria..."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Chupar um pênis?" Terminou por ela e assentiu. Tristan sorriu. "Devia ter adivinhado que era a primeira vez que o fazia", murmurou, acariciando seu rosto. "Foi muito boa nisso, Sabe? Desfrutou-o então, sua primeira degustada de um pau?"

"Muito, meu senhor", admitiu Gisella. "E... e eu gostei da sensação de que empurrasse dentro de mim também, apesar de que estava assustada no começo, devo admiti-lo. A forma em que me encheu... foi como nada do que tinha imaginado e tudo o que tinha sonhado que seria."

"Me alegre de não ter te feito mal realizando seu sonho", disse Tristan em voz baixa. "Quando te vi pela primeira vez parada ali diante de mim, tão magra e frágil, tinha medo de te romper com a luxúria animal da besta. Nunca sonhei que um recipiente tão frágil podia conter um desejo igual de quente e exigente como o meu."

Gisella se ruborizou e assentiu. "Tudo o que diz é verdade. Assim suponho que não era apta para ser uma sacerdotisa da Deusa da Luz, depois de tudo" murmurou em voz baixa. "Mas... mas tampouco queria ser uma prostituta. Quando meu tio me vendeu, pensei que era um castigo de algum tipo por meus sonhos de desejo e necessidade. Por meu desejo de ser tomada."

"Seu castigo foi minha salvação", disse Tristan seriamente. "E vejo outra parte da profecia do que me disse sobre você, Gisella, a pureza, em efeito conheceu desejo. Quanto mais falo contigo, mais me dou conta que você e só você podia ser a mulher que tinha esperado durante todos estes longos anos."

"Alegro-me de ter podido te ajudar." Gisella correu o risco de olhar em seu rosto e se encontrou apanhada nos olhos escuros que já não estavam atormentados.

"Fez mais que me ajudar, salvou-me." Tristan lhe sorriu. "Assim me diga, aonde você gostaria de ir agora?"

Gisella sentiu seu coração afundar-se. Não sabia o que esperar, mas não era uma repentina oferta de ser enviada para qualquer lugar que escolhesse. Agora que pensava, entretanto, lembrava-se que Tristan lhe havia dito que tinha enviado às mulheres que tinham tentado e fracassado em romper a maldição para longe com uma generosa recompensa. Assim que talvez fosse incluída nesse grupo.

Domando a Besta

Coangeline Anderson



"Bom" murmurou, mordendo o lábio. "Não posso ir ao convento agora, já que não me admitirão sem minha virgindade intacta. E não tenho nenhum desejo de voltar para Beta Seis com meu tio"

"O que? Não, Não estou te enviando longe!" Tristan lhe lançou um olhar de incredulidade. "Não te quero fora de minha vista outra vez. O que queria dizer era aonde queria ir no palácio? Pensei que talvez um banho e depois algumas roupa e uma refeição decente. A menos, claro, que tenha algo mais em mente." Ele deu um lento e preguiçoso sorriso, que por sua vez fez com que o estômago da Gisella subisse e descesse.

"OH, pensei que..."

"Não acabo de te dizer que é a mulher que estive procurando durante todos estes anos?"

"A mulher que romperia sua maldição?" Gisella lhe perguntou.

"Não" tomou suas mãos entre as suas e a olhou solenemente. "A mulher de beleza e coragem para reinar sobre todos os de Rigel Nove comigo. Quero que esteja comigo para sempre, Gisella, e para subir ao seu legítimo lugar ao trono a meu lado."

"Sério?" Sem atrever-se a acreditar, Gisella procurou nos escuros olhos agora cheios de promessas.

"Sério." Disse Tristan com um sorriso lento, e preguiçoso de novo. "Mas acredito que a primeira tarefa é te limpar. Por que não te deita na cama para que possa te banhar com minha língua?"

Corando, Gisella fez o que ele pedia. E quando ele pressionou entre suas coxas e lambeu sua boceta bem fodida, ela entrelaçou os pequenos dedos em seu cabelo escuro e ofegou seu prazer.

"OH Tristan," gemeu enquanto ele a penetrava com sua língua. "Isso... é tão bom. Estou muito contente de que fomos capazes de banir à besta e te libertar."

Ele levantou a vista de entre suas pernas, uma luz dourada de desejo brilhando em seus escuros olhos. "Quanto a isso, minha senhora, pode encontrar que ainda há uma besta dentro de mim. Abre sua doce vagina para mim e vou te provar isso com meu pau."

Domando a Besta

Coangeline Anderson



Com um suave gemido, Gisella fez o que seu novo senhor ordenou. Tristan poderia estar livre de suas correntes, mas o desejo animal dentro dele nunca poderia ir de tudo. Não que se importasse. Estava mais que disposta a provar de novo sua sorte ao domesticar à besta.